

**UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO  
SUL – UNIJUÍ**

**GEOVANA DA SILVA FERREIRA**

**ENTRE CORTES E AMARRAÇÕES: CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS  
SOBRE AUTOMUTILAÇÃO/CUTTING NA ADOLESCÊNCIA**

**Ijuí  
2016**

**GEOVANA DA SILVA FERREIRA**

**ENTRE CORTES E AMARRAÇÕES: CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS  
SOBRE AUTOMUTILAÇÃO/CUTTING NA ADOLESCÊNCIA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Psicologia – Bacharelado, do Departamento de Humanidades e Educação – DHE, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, como requisito parcial à obtenção do título de Psicóloga.

Orientadora: Marcele Teixeira Homrich Ravasio

**Ijuí  
2016**

## RESUMO

O presente trabalho de monografia aborda como tema central a automutilação/*cutting*, definida como a prática de autoprovocar-se cortes na pele de forma intencional, aparecendo atualmente de forma cada vez mais frequente entre meninas durante a adolescência. Trabalhamos o tema com base numa pesquisa bibliográfica, fundamentada pela teoria psicanalítica. Ao abordar a automutilação/*cutting* do ponto de vista da psicologia clínica, nos guiamos pela seguinte questão de investigação: qual é a função psíquica das práticas de automutilação/*cutting* entre as adolescentes, e a que problemática subjetiva elas viriam a responder? O desenvolvimento desse trabalho foi projetado de forma a se dividir em três capítulos, sendo que nos dois primeiros nos dedicamos a explicar as temáticas gerais da adolescência e das marcas corporais, e finalizamos com as articulações possíveis de se fazer entre a automutilação/*cutting* e as angústias que surgem com a constituição do corpo na adolescência e no feminino.

**Palavras-chave:** Automutilação. *Self Cutting*. Marcas Corporais. Adolescência. Feminino. Psicanálise.

## **ABSTRACT**

The present work of monograph addresses as a central theme the self-harm/cutting, defined as the practice of self-mutilate skin intentionally, currently appearing more and more frequently among girls during adolescence. We work on the theme based on a bibliographical research, based on psychoanalytic theory. In approaching self-harm/cutting from the point of view of clinical psychology, we are guided by the following research question: what is the psychic function of self-harm/cutting practices among adolescents, and what subjective problem would they respond to? The development of this work was designed to be divided into three chapters, so that in the first two we dedicated to explaining the general themes of adolescence and body brands, and finishing with the possible articulations between self-harm/cutting and anguishes that arise during the constitution of the body in adolescence and in the feminine.

**Keywords:** Self-harm. Self cutting. Body Brands. Adolescence. Feminine. Psychoanalysis.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	5
<b>1 A ADOLESCÊNCIA</b> .....	8
1.1 ASPECTOS INTRODUTÓRIOS SOBRE A ADOLESCÊNCIA .....	8
1.2 A CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA: ESTÁDIO DO ESPELHO E COMPLEXO DE ÉDIPO .....	10
1.3 DA LATÊNCIA AO SUJEITO ADOLESCENTE: DESLOCAMENTOS E RESSIGNIFICAÇÕES .....	15
<b>2 MARCAS CORPORAIS</b> .....	21
2.1 CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL DAS MARCAS CORPORAIS .....	21
2.2 AS MARCAS CORPORAIS NA CONTEMPORANEIDADE.....	24
2.3 AUTOMUTILAÇÃO/CUTTING: ASPECTOS INTRODUTÓRIOS PELO VIÉS PSICANALÍTICO.....	28
<b>3 AUTOMUTILAÇÃO/CUTTING, ADOLESCÊNCIA E FEMININO: ARTICULAÇÕES POSSÍVEIS</b> .....	31
3.1 O CORPO NA ADOLESCÊNCIA .....	31
3.2 ENTRAVES E CORTES NA CONSTITUIÇÃO DO CORPO FEMININO .....	33
3.3 AS POSSIBILIDADES DE ELABORAÇÃO DO SINTOMA .....	43
<b>CONCLUSÃO</b> .....	46
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	49

## INTRODUÇÃO

A produção de marcas corporais está presente em diversas culturas desde as mais antigas civilizações. *Piercings*, tatuagens, escarificações, são alguns dos exemplos de manifestação dessas marcas, que se apresentam com diversas significações dependendo do tempo, contexto e sociedade em que se inserem. Atualmente, uma forma específica de marcar o corpo tem se manifestado de forma cada vez mais frequente entre meninas adolescentes: a automutilação/*cutting*. Chamamos de automutilação/*cutting* a prática de autoprovocar-se cortes na pele de forma intencional, que para algumas adolescentes torna-se uma compulsão, sendo que recorrem aos cortes na pele como um alívio frente a situações de angústia.

Podemos encontrar relatos sobre esses casos a partir de escolas, casos clínicos, *blogs* e redes sociais, de forma que o aumento desses casos nos leva a questionar qual a significação dessas práticas, uma vez que se apresentam como comportamentos enigmáticos que convocam a possibilidade de interpretação. Nesse sentido, ao considerar as possibilidades de interpretação, considera-se também a importância da investigação desse tema para a psicologia. Ampliar a compreensão sobre a automutilação/*cutting* irá contribuir para sustentar uma escuta dessas adolescentes, no momento em que estas chegam à clínica, seja por iniciativa própria, por encaminhamentos de outros profissionais, ou a pedido dos pais, como é comum ocorrer na adolescência.

A frequente presença da automutilação/*cutting* em casos clínicos de adolescentes nos coloca diversas interrogações. A intencionalidade da repetição desses atos nos interroga sobre como a dor física da produção desses cortes pode não ser sentida como um desprazer, sobre o que levaria essas adolescentes à compulsão de autoprovocar-se cortes na pele, e também sobre o motivo dessa ocorrência ser mais frequente na adolescência e entre meninas. Tais interrogações serão desenvolvidas ao longo desse trabalho.

Ao abordar a automutilação/*cutting* do ponto de vista da psicologia clínica, utilizaremos o referencial psicanalítico para subsidiar a análise do tema. Nesse sentido, partimos da seguinte questão de investigação: qual é a função psíquica das práticas de automutilação/*cutting* entre as adolescentes, e a que problemática subjetiva elas viriam a responder? Como hipótese fundamental, os autores consideram que essa prática vem dar conta de algo que se encontra problematizado, tomando como referência os relatos que definem os cortes como um alívio da angústia.

A metodologia desta investigação é uma pesquisa bibliográfica. Enquanto aspecto da psicologia clínica, o tema foi consultado em artigos e obras recentes, tomando como base os autores que têm se dedicado a compreender as práticas de automutilação/*cutting* na contemporaneidade, tais como Costa (2012-2013, 2015), Giongo (2015), Jatobá (2010), Bizri e Azevedo (2014), Manso e Caldas (2013), Ramirez e Dunker (2008). Atualmente, tais casos são retratados não só em artigos científicos ou obras da psicologia clínica, mas também podem ser encontrados em obras literárias e no cinema, sendo que a relevância de tais exemplos foi incluída nessa pesquisa.

Ao analisar as interrogações que surgem a partir dos casos de automutilação/*cutting*, propomos abordar primeiramente questões mais amplas, tais como o tema da adolescência e o das marcas corporais. Portanto, dividimos este trabalho em três capítulos, os quais também foram organizados com subcapítulos, de forma a ampliar e abranger os diversos entrelaçamentos teóricos possíveis de serem feitos com o tema principal.

Desse modo, o primeiro capítulo tem o objetivo de apresentar alguns aspectos da temática da adolescência, como as significações do termo enquanto construção social, as operações fundamentais da constituição psíquica, e a reedição do estádio do espelho e do complexo de Édipo como elaborações complexas que ocorrem nesse tempo subjetivo. A partir dessas articulações, poderemos refletir sobre os efeitos dessas elaborações, que surgem *a posteriori*, e que podem se relacionar com o tema da automutilação/*cutting*.

No segundo capítulo, é apresentada a questão das marcas corporais, contextualizando histórica e socialmente a presença da prática de marcar o corpo, situando as diversas significações que essa prática assumiu ao longo do tempo. Ainda no segundo capítulo, aborda-se a produção de marcas corporais na contemporaneidade, considerando a generalização de marcas como tatuagens e *piercings* na cultura ocidental, que se presentifica entre sujeitos de diversas idades, mas com uma frequência maior na adolescência. A partir daí, se introduz a forma específica de marca corporal denominada automutilação/*cutting*, trazendo alguns aspectos iniciais sobre o ato de autoprovocar-se cortes na pele.

Considerando que os estudos recentes acerca do tema da automutilação/*cutting* apontam que a incidência desses casos é, em sua grande maioria, entre meninas com idades a partir de doze anos, abrem-se duas vertentes que a serem analisadas mais detalhadamente: o corpo na adolescência e o feminino.

Sendo assim, no terceiro capítulo, pretende-se articular a prática da automutilação/*cutting* com questões concernentes às mudanças de valor e de estatuto do corpo na adolescência, retomando e aprofundando alguns pontos abordados no primeiro capítulo, e

trazendo as particularidades do feminino, refletindo sobre as problemáticas que surgem para a construção do corpo feminino na adolescência. Uma vez que na adolescência e no feminino a dimensão corporal se desorganiza de formas específicas, pretendemos trazer no terceiro capítulo algumas considerações psicanalíticas acerca desses aspectos, relacionando com as possibilidades de interpretação e elaboração do ato de cortar-se.



## 1 A ADOLESCÊNCIA

*“quando eu tiver setenta anos  
então vai acabar esta minha adolescência*

*vou largar da vida louca  
e terminar minha livre docência*

*vou fazer o que meu pai quer  
começar a vida com passo perfeito*

*vou fazer o que minha mãe deseja  
aproveitar as oportunidades  
de virar um pilar da sociedade  
e terminar meu curso de direito*

*então ver tudo em sã consciência  
quando acabar esta adolescência”  
(Paulo Leminski)*

### 1.1 ASPECTOS INTRODUTÓRIOS SOBRE A ADOLESCÊNCIA

O termo adolescência não possui uma definição única. Compreender seu significado, para posteriormente analisar suas implicações na constituição psíquica, exige que retomemos o percurso do surgimento desse conceito em nossa cultura.

Podemos encontrar diversas definições acerca da adolescência, que se diferem conforme a perspectiva teórica em que estão inseridas. Por exemplo, do ponto de vista jurídico, no Brasil, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, a adolescência é o período de vida que ocorre entre os doze e os dezoito anos de idade. Porém, do ponto de vista psicológico e social, não é possível delimitar de forma objetiva a duração desse período. Isso porque não se trata apenas de uma fase cronológica da vida, mas de um fenômeno mais complexo, que aparece como uma construção social contemporânea.

Se pensarmos a adolescência como idade de vida, podemos dizer que esse tempo tem seu início definido pela puberdade, que por sua vez é definida pela maturação dos órgãos sexuais. Essas mudanças corporais observáveis, em algumas culturas, são condição suficiente para a passagem da criança ao mundo adulto, sendo que alguns povos costumam marcar essa maturação com ritos de passagem. Podemos dizer que em tais culturas a adolescência, tal como a conhecemos no mundo ocidental contemporâneo, não existe. O mesmo pode ser dito das civilizações primitivas, em que para iniciar a vida adulta, caracterizada pela atividade sexual e pelo trabalho para a sobrevivência, era necessário apenas que os meninos e meninas desenvolvessem as aptidões corporais que os transformariam em homens e mulheres.

A passagem da sociedade tradicional para a modernidade transformou as formas de organização social, assim como as formas de subjetivação. Os ideais e valores introduzidos pelo discurso social são outros, cada vez mais se valoriza a liberdade, o individualismo e o sucesso financeiro. E é com essa passagem que surge também a adolescência em nossa cultura, como um tempo de suspensão entre a maturação dos corpos e a autorização e reconhecimento para a entrada na vida adulta. Com o surgimento desse tempo de suspensão, o sujeito adolescente passa a ser conhecido através de características específicas que o incluem num grupo social, e que definem uma fase de conflitos.

Por um tempo se acreditava que a adolescência era vivida como uma fase difícil unicamente em virtude das mudanças corporais, inerentes à puberdade. Pesquisas indicam que foi Stanley Hall o primeiro nome da psicologia a dedicar seu interesse à adolescência:

Hall pode ser considerado o criador da adolescência, seu inventor. Ele se preocupou com a precocidade dos jovens de seu tempo, os quais lhe pareciam chegar cedo demais às ruas, às fabricas, aos braços de parceiros sexuais e também às prisões [...] Suas palavras foram decisivas para que, aos poucos, os adolescentes fossem escolarizados tão obrigatoriamente quanto as crianças. Inaugurou-se assim uma tendência que hoje empurra a escolaridade obrigatória (e com ela a adolescência) para além dos 20 anos de idade. Hall considerava a adolescência uma época perigosa e trabalhosa. Mas concebia essas dificuldades como naturais, próprias a uma fase da vida. Concluía, portanto, que os jovens precisavam de proteção por mais tempo do que pensávamos. (CALLIGARIS, 2000, p. 76-77).

Essa visão da adolescência como uma etapa natural do desenvolvimento, com conflitos também naturais, foi sendo objeto de crítica por outras teorias, de forma que aos poucos foram surgindo outros estudos que apontavam esse fenômeno como uma produção cultural. Nesse sentido, outro importante marco no estudo da adolescência pela psicologia ocorreu a partir de Erik Erikson:

Enfim, Erikson entende a crise da adolescência como efeito dos nossos tempos. Para ele, a rapidez das mudanças na modernidade torna problemática a transmissão de uma tradição de pais para filhos adolescentes. Estes devem portanto se constituir, se inventar, sem referências estáveis. Erikson foi o primeiro a usar o termo "moratória" para falar da adolescência. Também foi um dos raros a perceber que a crise da adolescência se tornava muito difícil de administrar, já que o mesmo tipo de crise começava a assolar os adultos modernos. (CALLIGARIS, 2000, p. 78).

Atualmente, os estudos acerca da adolescência tendem a manter a visão de que essa moratória é uma construção social de nosso tempo, e que os conflitos que podem surgir nesse momento devem ser analisados considerando também o discurso social em que estão inseridos. Do ponto de vista psicanalítico, Calligaris (2000) propõe ainda a adolescência como

um ideal cultural na contemporaneidade, uma vez que a liberdade e autonomia buscadas pelos adolescentes, em forma de rebeldia, são também o desejo inconsciente dos adultos. Dessa forma, a adolescência surgiria na modernidade como um ideal necessário, e os paradoxos e contradições que se impõem aos sujeitos adolescentes seriam consequências dessa idealização.

Para o psicanalista Melman, a adolescência em nossa cultura representa uma crise psíquica, enquanto que em outras culturas esse momento seria apenas um período de transição e introdução à vida social, algumas vezes com rituais de passagem. Tal crise psíquica poderia ser definida como “o momento em que um sujeito não encontra o lugar de seu gozo” (MELMAN, 1999, p. 30). Ao contrário das demais culturas, algo estaria ausente na nossa, sendo que “o que está ausente é a sanção simbólica que viria simplesmente situar aos jovens seu estatuto [...] Seu estatuto de ter o direito a ingressar no mundo adulto, isto é, ao mesmo tempo que na vida sexual” (*ibid.*, p. 40). Nesse mesmo sentido, Rassial (1997) propõe algumas hipóteses acerca da adolescência considerando o declínio da função paterna ou dos Nomes-do-pai em nossa modernidade, e que a adolescência seria um testemunho do mal-estar na civilização.

Sabendo desses aspectos da construção teórica sobre a adolescência, seguiremos a partir daqui com a perspectiva de aprofundar nossa compreensão desse conceito com base na teoria psicanalítica.

## **1.2 A CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA: ESTÁDIO DO ESPELHO E COMPLEXO DE ÉDIPO**

Consideramos que o objeto de estudo da psicanálise é o sujeito do inconsciente, aquele que se manifesta na linguagem, no discurso, e que este sujeito deve ser compreendido pelos tempos de constituição psíquica, mais do que pelas idades cronológicas. Dessa forma, a definição de adolescência a partir da teoria psicanalítica parte também desse princípio. O que vai orientar as interpretações nessa perspectiva não é o visível da puberdade, mas sim o que se passa em nível de trabalho psíquico, a partir da forma que o sujeito adolescente irá encontrar para lidar com a crise subjetiva que marca esse momento da vida.

Rassial (1999a) nos diz que devemos partir de um conceito simbólico, ou simbolígeno, para definir a adolescência do ponto de vista psicanalítico. O autor traz o termo “simbolígeno” de Françoise Dolto, para explicar a dimensão simbólica como efeito de

momentos em que se conjugam um real<sup>1</sup>, um imaginário<sup>2</sup>, e uma necessidade de ordem simbólica. A partir disso, podemos pensar a adolescência como um momento psíquico, em que na dimensão do real irrompem as mudanças fisiológicas da puberdade. Isso que é da ordem do real produz efeitos na dimensão do imaginário e do simbólico<sup>3</sup>. No imaginário ocorre o abalo da imagem do corpo da infância, bem como da imagem dos pais. E na dimensão simbólica entra em questão a função do significante Nome-do-Pai.

Nesse sentido, para melhor compreender o que se problematiza nesse tempo psíquico da adolescência, se faz necessário que retomemos brevemente dois processos elementares da constituição psíquica. Trata-se do estádio do espelho, que vem dar conta disso que é da ordem do registro imaginário, e do complexo de Édipo, que por sua vez insere o sujeito na dimensão simbólica. Os efeitos da passagem do sujeito por esses tempos de constituição vão se mostrar e se redimensionar na passagem adolescente.

A conceitualização do estádio do espelho é formulada por Lacan (1998), que se refere a essa experiência como formadora da função do eu. O instrumento do espelho, nessa teoria, é utilizado como artifício para ilustrar a relação que a criança estabelece com o semelhante, e com o meio externo. Para Lacan, o estádio do espelho é uma experiência que ocorre dos seis aos dezoito meses de vida, aproximadamente, e deve ser compreendido “como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (LACAN, 1949-1998, p. 97).

Portanto, o estádio do espelho pode ser entendido como uma experiência subjetiva de identificação<sup>4</sup>. Num primeiro momento, temos nessa experiência dois elementos: o eu e o

---

<sup>1</sup> “Termo empregado como substantivo por Jacques Lacan, introduzido em 1953 e extraído, simultaneamente, do vocabulário da filosofia e do conceito freudiano de realidade psíquica, para designar uma realidade fenomênica que é imanente à representação e impossível de simbolizar. Utilizado no contexto de uma tópica, o conceito de real é inseparável dos outros dois componentes desta, o imaginário e o simbólico, e forma com eles uma estrutura.” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 644-645).

<sup>2</sup> “Utilizado por Jacques Lacan a partir de 1936, o termo é correlato da expressão estádio do espelho e designa uma relação dual com a imagem do semelhante. Associado ao real e ao simbólico no âmbito de uma tópica, a partir de 1953, o imaginário se define, no sentido lacaniano, como o lugar do eu por excelência, com seus fenômenos de ilusão, captação e engodo.” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 371).

<sup>3</sup> “Termo extraído da antropologia e empregado como substantivo masculino por Jacques Lacan, a partir de 1936, para designar um sistema de representação baseado na linguagem, isto é, em signos e significações que determinam o sujeito à sua revelia, permitindo-lhe referir-se a ele, consciente e inconscientemente, ao exercer sua faculdade de simbolização. Utilizado em 1953 no quadro de uma tópica, o conceito de simbólico é inseparável dos de imaginário e real, formando os três uma estrutura. Assim, designa tanto a ordem (ou função simbólica) a que o sujeito está ligado quanto a própria psicanálise, na medida em que ela se fundamenta na eficácia de um tratamento que se apoia na fala.” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 714).

<sup>4</sup> “Termo empregado em psicanálise para designar o processo central pelo qual o sujeito se constitui e se transforma, assimilando ou se apropriando, em momentos-chave de sua evolução, dos aspectos, atributos ou traços dos seres humanos que o cercam.” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 363).

outro do espelho. A relação entre esses dois elementos se estabelece a partir do momento em que a criança, em frente a um espelho, apresenta uma postura jubilosa ao ver sua imagem nele refletida. Essa imagem é reconhecida pelo sujeito como ideal, total, em contraponto com a desorganização corporal que ainda experimenta:

Quando a criança percebe sua imagem no espelho, nela se reconhece, mas ali também algo se apresenta como uma imagem ideal, como alguma coisa ao mesmo tempo além e aquém dela, como algo frente ao qual ressalta sua própria fragilidade de ser prematuro, de ser que se experimenta a si mesmo como ainda insuficientemente coordenado para responder a essa imagem em sua totalidade. (BACKES, 2004, p. 30).

Essa imagem ideal também pode ser transmitida pela mãe<sup>5</sup>, na experiência dos primeiros cuidados, momento em que vai assumir a função do outro especular, desenhando o corpo do bebê com o toque sustentado pela via discursiva. Esse outro especular pode ser denominado ainda como outro imaginário, uma vez que vai fornecer uma imagem, a qual irá garantir o estabelecimento da identidade para o sujeito.

Nesse primeiro momento, a criança ainda vivencia uma confusão entre o si e o outro, ressaltada pela defasagem que se configura entre aquilo que ela vê no espelho e aquilo que ela é no real. Devido a essa distância entre o ideal e a incompletude experimentada, a imagem especular pode ser insuportável, uma vez que a criança não é capaz de perceber que esse outro especular também é ela mesma. Assim, a relação entre esses dois elementos, eu e outro, ocorre por identificação imaginária, e será fonte de amor, mas também de agressividade, numa identificação com o outro em que a alteridade estará apagada.

Para que o sujeito possa tolerar o outro como uma imagem suportável é necessária uma mediação simbólica. É na referência ao grande Outro que será possível dar conta dessa relação conflituosa entre o eu e o outro especular. Conforme Backes:

A criança, diante do espelho, apesar de ter sido já cativada por sua imagem, volta-se para o adulto que a acompanha, como que num pedido de testemunho, confirmação dessa imagem. É como invocação (pulsão invocante) que busca seus objetos pulsionais – voz e olhar. (BACKES, 2004, p. 33).

O grande Outro irá fazer a intermediação na relação especular através da linguagem. O sujeito recolhe traços da imagem ideal, dos objetos pulsionais enquanto voz e olhar do Outro, que serão unidos pelo que Lacan (1992) chamou de traço unário. Os traços

---

<sup>5</sup> O termo “mãe” não designa aqui uma pessoa concreta, mas sim o lugar ocupado por quem desempenha a função materna, a partir de um discurso desejante, no qual a criança é o objeto sobre o qual recai esse desejo pela via significante.

identificatórios, contidos no Outro, são interiorizados pelo sujeito na inscrição de uma marca singular. Inscrição essa do traço unário, que permite uma identificação inconsciente com o significante<sup>6</sup>. Essa intermediação possibilitará uma identificação simbólica com o significante. A partir desse momento, o Outro passa a ser tomado como lugar de referência do eu, e a identificação simbólica permitirá a passagem do eu especular para o eu social. Este momento é considerado conclusivo do estágio do espelho, conforme nos diz Lacan:

Esse momento em que se conclui o estágio do espelho inaugura, pela identificação com a imago do semelhante e pelo drama do ciúme primordial [...] a dialética que desde então liga o eu a situações socialmente elaboradas. É esse momento que decisivamente faz todo o saber humano bascular para a mediação pelo desejo do outro, constituir seus objetos numa equivalência abstrata pela concorrência de outrem, que faz do eu esse aparelho para o qual qualquer impulso dos instintos será um perigo, ainda que corresponda a uma maturação natural - passando desde então a própria normalização dessa maturação a depender, no homem, de uma intermediação cultural, tal como se vê, no que tange ao objeto sexual, no complexo de Édipo. (LACAN, 1949-1998, p. 101-102).

Dessa forma, é a passagem pelo complexo de Édipo que vai possibilitar também a passagem do imaginário ao simbólico, que sustentará a entrada do sujeito na cultura. Freud (1910[1909]-1996a) faz referência ao mito de Édipo, no seu texto “Cinco Lições de Psicanálise”, para dar conta de sua explicação sobre os desejos infantis dirigidos aos pais. Nessa época, Freud denominou de complexo nuclear a esse drama familiar, que culminaria na proibição do incesto como requisito para entrar na cultura, e determinante da condição de sujeito faltante que produz o desejo. Lacan (1999) retomou o complexo de Édipo, e aprofundou a importância dos seus desdobramentos para o surgimento do sujeito desejante.

Segundo Lacan, é a partir do complexo de Édipo que o sujeito irá se constituir e estruturar. Conforme o desfecho desse complexo, o sujeito poderá se subjetivar na neurose, psicose ou perversão. Lacan concebeu o complexo de Édipo como um processo que irá se desenvolver em três tempos. Ao entrar nesse processo, a criança busca apropriar-se do lugar sobre o qual recai o desejo da mãe, ser objeto de desejo da mãe. É desse lugar de objeto que se trata a imagem apreendida pela criança, após sua saída do estágio do espelho, ainda em condição de alienação:

---

<sup>6</sup> “Termo introduzido por Ferdinand de Saussure (1857-1913), no quadro de sua teoria estrutural da língua, para designar a parte do signo linguístico que remete à representação psíquica do som (ou imagem acústica), em oposição à outra parte, ou significado, que remete ao conceito. Retomado por Jacques Lacan como um conceito central em seu sistema de pensamento, o significante transformou-se, em psicanálise, no elemento significativo do discurso (consciente ou inconsciente) que determina os atos, as palavras e o destino do sujeito, à sua revelia e à maneira de uma nomeação simbólica.” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 708).

No início desta situação imaginária, habitualmente designada relação de indistinção funcional, a criança é engajada em uma dinâmica desejante alienada ao desejo da mãe, já que está especialmente identificada com seu falo. Observamos essa alienação típica que a identificação fálica representa ao nível da experiência do estádio do espelho [...] A interação dinâmica entre a mãe e a criança não é, entretanto, coerente senão face à falta. (DOR, 1995, p. 11).

Nesse sentido, no primeiro tempo do complexo, o desejo da criança se faz desejo do desejo da mãe. Há uma relação fusional mãe-criança e uma identificação fálica: a mãe é pressentida como faltante e a criança irá se identificar imaginariamente com o objeto de desejo da mãe, o falo que irá preencher tal falta. Portanto, esse primeiro tempo se determina pelo triângulo imaginário mãe-criança-falo.

No segundo tempo ocorre a intrusão da figura paterna, enquanto pai real<sup>7</sup>, na relação fusional mãe-criança, que leva ao questionamento da equivalência fálica. Tal intrusão é vivida pela criança sob a forma de interdição e frustração. Surge a partir disso uma rivalidade fálica imaginária, uma vez que o pai se mostra como um polo de atração do desejo da mãe. Ou seja, o falo rival da criança junto ao Outro é representado pelo pai imaginário. Conforme Dor, “essa figura do pai pode vetorizar uma série de deslocamentos decisivos na lógica desejante da criança, doravante presa à questão: ‘ser ou não ser *‘to be or not be’*, o falo” (DOR, 1995, p. 13).

No terceiro tempo se dá o declínio do Édipo, quando se estabelece a relação com o pai simbólico, que irá inscrever a lei de interdição do incesto. A criança irá renunciar a identificação com o objeto de desejo da mãe e reconhecer o pai como quem tem o falo, e quem pode dá-lo a mãe. Com esse reconhecimento, a criança passa pelo complexo de castração, e é introduzida na problemática de ter o falo:

É a saída do complexo de Édipo. Essa saída é favorável na medida em que a identificação com o pai é feita nesse terceiro tempo, no qual ele intervém como aquele que tem o falo. Essa identificação chama-se Ideal do eu [...] No terceiro tempo, portanto, o pai intervém como real e potente. Esse tempo se sucede a privação ou a castração que incide sobre a mãe, a mãe imaginada, no nível do sujeito, em sua própria posição imaginária, a dela, de dependência. E por intervir como aquele que tem o falo que o pai é internalizado no sujeito como Ideal do eu, e que, a partir daí, não nos esqueçamos, o complexo de Édipo declina. (LACAN, 1958-1999, p. 200-201).

---

<sup>7</sup> Consideramos aqui a função paterna referida aos registros do Real, Imaginário e Simbólico de Lacan. No texto “Os três tempos do Édipo”, Lacan afirma que para exercer a função paterna o pai precisa estar referenciado como potência fálica no discurso materno, e por isso nem sempre é o genitor quem irá exercer a função paterna. Dessa forma, teremos nos três tempos a presença do pai real que intervém na realidade, o pai imaginário com quem a criança irá rivalizar, e o pai simbólico responsável pela inscrição da metáfora paterna.

A dimensão simbólica é introduzida pelo reconhecimento do pai como possuidor do falo, possibilitando a consolidação da metáfora paterna, que é a inscrição do significante Nome-do-Pai<sup>8</sup>. Tal inscrição é o ponto de conclusão da dinâmica edípiana, através da qual o sujeito irá passar do “ser” para o “ter” o falo. O significante Nome-do-Pai irá se inscrever no lugar do Outro, substituindo o significante do desejo da mãe, e exercendo a função simbólica de inaugurar uma cadeia significante para o sujeito.

Além disso, é nesse momento também que a identificação simbólica irá determinar a escolha do objeto de desejo, que irá diferenciar a posição masculina da feminina. Conforme Lacan:

É nessa medida que o terceiro tempo do complexo de Édipo pode ser transposto, isto é, a etapa da identificação, na qual se trata de o menino se identificar com o pai como possuidor do pênis, e de a menina reconhecer o homem como aquele que o possui. (LACAN, 1958-1999, p. 203).

Conforme essa resolução, na condição masculina o rompimento com esse romance familiar irá culminar na internalização da autoridade paterna, enquanto superego, uma vez que o menino irá se descolar da mãe por medo da castração. Já na condição feminina se coloca uma reivindicação de completude, a menina irá culpar a mãe pela castração, e permanecerá uma falta a se realizar.

Veremos adiante que essas questões, referentes ao desejo e a sexualidade, irão irromper novamente na adolescência, sendo que as identificações assumidas na passagem do Édipo se mostrarão insuficientes para dar conta das relações fora da família.

### **1.3 DA LATÊNCIA AO SUJEITO ADOLESCENTE: DESLOCAMENTOS E RESSIGNIFICAÇÕES**

Após a dissolução do complexo de Édipo, se inicia o período da latência, anterior à chegada das manifestações fisiológicas da puberdade. Conforme Freud desenvolve no seu texto “A dissolução do complexo de Édipo”, a fase fálica que se apresenta no complexo de Édipo é submersa e sucedida pelo período de latência, momento em que a ameaça de castração faz com que as catexias libidinais de objeto sejam abandonadas:

---

<sup>8</sup> “Termo criado por Jacques Lacan em 1953 e conceituado em 1956, para designar o significante da função paterna.” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 541).



As tendências libidinais pertencentes ao complexo de Édipo são em parte dessexualizadas e sublimadas (coisa que provavelmente acontece com toda transformação em uma identificação) e em parte são inibidas em seu objetivo e transformadas em impulsos de afeição. Todo o processo, por um lado, preservou o órgão genital – afastou o perigo de sua perda – e, por outro, paralisou-o – removeu sua função. Esse processo introduz o período e latência, que agora interrompe o desenvolvimento sexual da criança. (FREUD, 1924-1996b, p.198).

Essa interrupção do desenvolvimento sexual deve ser entendida como uma fase necessária de organização psíquica, de elaboração das leis paternas e da castração. Nessa fase de organização, o sujeito que antes se colocava no papel central do drama familiar retira-se de cena para iniciar um período de observação e escuta, inicia “uma época de coleta subjetiva e reflexão” (CORSO, D., 2004, p.137). A consistência dessa elaboração e organização psíquica será posta à prova mais tarde, na passagem adolescente do familiar ao social.

A fase de latência vai se encerrando na medida em que a puberdade começa a provocar as primeiras mudanças fisiológicas, uma vez que essas mudanças vão despertar a sexualidade até então silenciada. Freud, no texto “Três ensaios sobre sexualidade”, apresenta a puberdade como o momento em que irão se introduzir “as mudanças que levam a vida sexual infantil a sua configuração normal definitiva” (FREUD, 1905-1996c, p. 196). Estas mudanças dizem principalmente dos deslocamentos pulsionais que irão se realizar. A pulsão sexual que era predominantemente autoerótica agora encontra o objeto sexual. Dessa forma, as pulsões parciais se conjugam, e as zonas erógenas passam a subordinar-se ao primado da zona genital.

Segundo Rassial (1999b), essa posição dominante que a genitalidade passa a ocupar para o sujeito irá produzir uma mudança de estatuto e de valor do corpo na adolescência:

[...] por um lado, o ser humano só conquista sua identidade na pertença a um dos dois sexos, numa lógica que pode ser dita fálica, porque funda uma dissimetria entre “os que teriam” e “os que não teriam”; por outro lado, é o outro que detém o poder de reconhecer neste corpo um corpo genitalmente maduro, desejável e desejante [...] não se trata apenas de um reajuste, mesmo difícil, da imagem na adolescência, mas sim de uma modificação do valor mesmo do corpo, tal qual funcionava para a criança: o portador do olhar, privilegiado, não é mais um dos pais, mas um semelhante cujo desejo está ele mesmo engajado. (RASSIAL, 1999b, p. 18-19).

A relação dessas mudanças corporais com o desejo também é apresentada por Corso, a qual nos diz que “a novidade que faz a virada da puberdade é a assunção do desejo de um desejo, é o processo de saber-se ativo na produção do desejo de que sou objeto” (CORSO, D., 2004, p. 143). Saber-se ativo na produção de um desejo implica um movimento de reapropriação ou ressignificação corporal, uma vez que o corpo púbere está inicialmente na

ordem do real, como um acontecimento desconhecido que precisa ser significado, simbolizado. Essas modificações reais da puberdade, que inicialmente não são simbolizadas, “excedem o corpo imaginário” (RASSIAL, 1999b, p. 19), ou seja, excedem a imagem do corpo que havia sido constituída na infância, no estágio do espelho, e que era sustentada pelo olhar dos pais. Dessa forma, as identificações e as resoluções do estágio do espelho e do complexo de Édipo se mostram insuficientes, mas também irão constituir a base para ressignificar o corpo púbere.

Como visto anteriormente, na infância o encontro com a imagem do espelho vai possibilitar, com a sustentação simbólica do Outro primordial<sup>9</sup>, um reconhecimento e apropriação do corpo infantil, até então sentido como despedaçado. Na adolescência, a operação do estágio do espelho se reconstitui, uma vez que “é como se seu corpo precisasse ser novamente contido, reescrito por significante” (BACKES, 2004, p. 38). Trata-se agora de um novo corpo, dotado de atributos sexuais que num momento anterior pertenciam aos outros adultos, e que agora o adolescente os encontra na sua própria imagem, organizando uma nova posição para o sujeito. Posição essa quanto à sexualização, da qual o adolescente ainda interroga-se e busca uma apropriação.

Ao mesmo tempo em que ressignifica o próprio corpo, o corpo do semelhante também é revestido de novos sentidos. Este corpo do outro “entra em cena como objeto possível do desejo, sobre o qual afluem julgamentos, estéticos sobretudo, o que, em retorno, designa este outro como também sujeito do desejo” (RASSIAL, 1999b, p. 21). Voltando-se para si, o adolescente busca situações que o permitam experimentar as possibilidades ativas do seu corpo em relação ao desejo. Rassial (*Ibid.*) exemplifica essas situações como a prática de esportes e os jogos de sedução, em que o adolescente se coloca como objeto do desejo do outro.

Apresenta-se então a necessidade de reconstituição da operação especular, uma vez que a consistência imaginária do Outro passa a ser questionada. A sustentação que vinha dos objetos pulsionais representados na voz e no olhar do Outro deve se encontrar agora no próprio sujeito, ou conforme Rassial: “trata-se de apropriar-se plenamente do olhar e da voz da Mãe, enquanto na infância o olhar e a voz do sujeito são sustentados pelo Outro” (RASSIAL, 1999b, p.49). Quanto a isso Rassial (*Ibid.*) também aponta que a redistribuição

---

<sup>9</sup> O Outro primordial representa aqui o que Rassial chamou de a Mãe primordial, para representar o Outro ainda encarnado na figura que se ocupa da função materna com o bebê, ou “aquela que dera lugar a outras encarnações possíveis do Outro, no estágio do espelho” (RASSIAL, 1999b, p. 44). O Outro primordial encarnado na mãe irá dar lugar às representações simbólicas do Outro, a Mãe primordial se apaga e deixa os traços identificatórios que deverão ser interiorizados pelo sujeito.

pulsional se coloca de forma diferenciada para a moça ou o rapaz, eles não se apropriam desses objetos da mesma maneira: na condição feminina a pulsão escópica fica acentuada, enquanto que na condição masculina é a pulsão vocal que se acentua.

Rassial (1997) também define a adolescência como um tempo em que o Outro, representado pelos pais, está em pane. Essa pane se justifica se considerarmos que é na adolescência que “a promessa edípica revela-se enganadora, agora que a puberdade fez do corpo da criança um corpo semelhante e da mesma matéria que o do adulto” (RASSIAL, 1997, p. 189). A criança aceita a proibição do incesto e renuncia ao gozo do Outro, na esperança de que no futuro ela possa ter acesso ao gozo e ao falo. Porém, o adolescente irá se deparar com o que Lacan (1985) vai chamar de o impossível da relação sexual. O gozo total renunciado, que se imaginava encontrar no exercício sexual da genitalidade, não se mostra acessível, sendo que encontrará apenas o gozo parcial. Nesse sentido, a metáfora paterna entra em questão:

O que importa aqui é que essa pane das figuras do Outro, deixando vazio o horizonte da palavra e o lugar de um suposto saber, coloca em causa o Nome-do-Pai como ancoragem desse Outro recentemente ameaçador e doravante incerto. (RASSIAL, 1997, p. 191).

Dessa forma, a identificação, necessária para posicionar o corpo adolescente, dotado de novo estatuto e valor, na relação com o outro social e no encontro sexual, não será mais sustentada pelo Outro encarnado na figura dos pais. Nesse momento, o adolescente irá buscar em outros semelhantes um significante que valide sua existência e seu corpo como algo desejável. Esse outro, que fará a mediação simbólica que permita novas identificações, Rassial irá chamar de Outro sexo:

O parceiro sexual do adolescente, quer haja ou não ato sexual entre eles, deve conjugar em si três qualidades dificilmente conciliáveis: primeiramente, deve ser um semelhante, mesmo que sexuado diferentemente; em segundo lugar, para ser desejado, deve atrair por seu corpo, considerado como um objeto; em terceiro lugar, só pode ser amado se tomar a vez dos pais como referentes últimos das palavras, isto é, se puder sustentar uma figura ideal do Outro sexo (com um O maiúsculo, para diferenciá-lo do outro, semelhante), como os pais encarnaram, por um tempo, este Outro absoluto. É sob o olhar múltiplo deste outro, ao mesmo tempo semelhante, objeto e pertencente ao Outro sexo, que o corpo do adolescente muda de estatuto e de valor. (RASSIAL, 1999b, p.18).

Que os pais se retirem na adolescência, que sua imagem enquanto Outro entre em pane, é condição essencial, uma vez que na sexualidade não há compartilhamento em âmbito familiar. Coloca-se nesse ponto um limite, que é o limite da castração. Sendo ainda necessária

uma referência simbólica que sustente a construção de identificações, se coloca a importância da relação com o Outro sexo na adolescência. É essa passagem do Outro primordial ao Outro sexo que caracteriza a passagem adolescente. Conforme Backes, uma nova identidade será constituída “a partir da ‘invenção’ de um lugar; passagem do familiar ao social, da afirmação de si, do falar em nome próprio, numa reelaboração do espelho e uma nova simbolização dos traços que o espelho ofereceu” (BACKES, 2004, p. 40).

Nesse sentido, se coloca também a importância da “rua” para os adolescentes, do estar fora de casa. Da mesma forma, se entende a busca de pertencimento aos grupos, o lugar das amizades, e a frequente adoção de modos específicos de se vestir ou de falar (uso de gírias). Todas essas características comuns na adolescência se apresentam como possíveis identificações que darão sustentação a imagem do eu em ressignificação. Para que esse movimento de reposicionamento subjetivo possa ocorrer, é preciso que a inscrição da metáfora paterna tenha se efetivado:

É a consistência que o significante paterno tem no discurso materno que possibilitará a passagem deste primeiro momento identitário, da relação ao Outro primordial e de um lugar designado (identidade), para o lugar das identificações possíveis. (BACKES, 2004, p. 40).

É sobre essa consistência do significante paterno que Rassiál (1997) se refere, quando define a adolescência como um momento em que ocorre uma operação de validação do Nome-do-Pai além da metáfora paterna. A passagem ao social e o posicionamento quanto à sexualização são experiências que vão determinar a eficiência desse significante. A operação poderá ser de validação ou invalidação, e “pode ocorrer de uma só vez ou exigir um processo durante o qual diversas tentativas farão avizinhar o adolescente com as diversas estruturas clínicas possíveis” (RASSIAL, 1997, p. 194). A partir disso, se fará possível novas identificações referenciadas a Nomes-do-Pai, no plural, pois vão além dessa inscrição primeira. Um exemplo desses possíveis Nomes-do-Pai são as profissões, que ocupam um lugar simbólico de identificação para o sujeito, cuja escolha frequentemente provoca angústia ao adolescente.

Portanto, feitas essas considerações, compreendemos a complexidade da adolescência enquanto momento psíquico. Longe de ser uma simples transformação corporal determinada pela puberdade, a adolescência se apresenta como uma passagem com operações subjetivas determinantes para a história do sujeito. Não se trata de “apenas uma fase que passa”, conforme é definida frequentemente, mas sim de uma passagem que coloca em

questão a constituição psíquica e a possibilidade de o sujeito posicionar-se em relação a seu desejo e ao seu lugar no social.

## 2 MARCAS CORPORAIS

*“Quero ficar no teu corpo  
Feito tatuagem  
Que é pra te dar coragem  
Pra seguir viagem  
Quando a noite vem*

*[...]*

*Quero ser a cicatriz  
Risonha e corrosiva  
Marcada a frio  
Ferro e fogo  
Em carne viva  
Corações de mãe, arpões  
Sereias e serpentes  
Que te rabiscam  
O corpo todo  
Mas não sentes”  
(Chico Buarque, Tatuagem)*

### 2.1 CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL DAS MARCAS CORPORAIS

A presença de marcas corporais pode ser observada com frequência em nossa cultura contemporânea, porém, o uso dessas marcas não pode ser considerado como uma prática exclusiva de nosso tempo. Diferentes civilizações, desde os tempos mais antigos, fizeram uso das marcas corporais, sendo também diversas as suas significações. Definimos por marcas corporais as modificações no corpo produzidas de forma intencional, tais como tatuagens, *piercings* e escarificações.

Não podemos determinar em que momento da história da humanidade se deu o surgimento das marcas corporais, mas há indícios da presença delas em diferentes culturas há milhares de anos. O uso das várias formas de marcar o corpo teve significações contraditórias, sendo que poderia representar poder ou degradação, inserção em um coletivo ou uma tentativa de singularização.

Conforme Ana Costa (2003), em algumas culturas, marcar o corpo pode ser visto como um ato que dará ao sujeito uma identidade de pertença a determinado grupo. Outras vezes, algumas marcas podem fazer função de reconhecimento social e religioso, ou então de representar as singularidades do sujeito, na reprodução de um estilo próprio ou um ideal de estética.

Em relação à presença atemporal das marcas corporais, Beneti (2012) chama a atenção para o inegável valor etnológico das tatuagens, uma vez que há registros de diferentes

épocas que apontam o uso da tatuagem por diversas culturas. A tatuagem poderia ser usada tanto como parte de complexos rituais, quanto como uma decoração pagã. Além disso, o autor afirma que esse valor etnológico diz de “um traço essencial do ser humano, a saber, a necessidade de processar e significar suas vivências e experiências e de lhes dar alguma forma de expressão” (BENETI, 2012, p. 1-2).

Como exemplos dessas vivências e experiências, que em algumas culturas encontram significação e expressão na produção de marcas corporais, podemos citar os rituais de passagem. Em certas sociedades, momentos como a adolescência ou a maternidade exigem que o sujeito passe por rituais, nos quais muitas vezes a passagem é marcada na pele através de tatuagens, perfurações ou ferimentos que deixem marcas definitivas. No caso da tatuagem, quando esta faz parte de rituais, ela pode assumir diferentes funções:

[...] tatuagem social, representação do totem do sujeito; tatuagem comemorativa, lembrando a época da puberdade, ou outro evento marcante da vida; tatuagem de luto, na morte de parente ou amigo; tatuagens mágicas, como condição de proteção; tatuagens terapêuticas, e como, último, tatuagens ornamentais. (COSTA, 2003, p. 14).

Essa amplitude de significações das tatuagens exemplifica que a presença de marcas corporais não só aparece em diversas épocas e culturas, como também se mostra com diferentes funções. Entretanto, atualmente muitas dessas funções ou estão extintas, ou são conservadas apenas em algumas tribos ou culturas específicas. Isso se deve à mudança de valor que as marcas corporais adquiriram a partir da Idade Média, acompanhada de uma mudança de representação do corpo com o Cristianismo:

Essa representação alcança seu auge na Idade Média, quando vemos expressa, na análise iconográfica, a associação entre essas marcas corporais e as que designavam o herege, o judeu, a prostituta, o carrasco, o leproso, etc, enfim todos aqueles que se situavam à margem da prática cristã, ou que podiam quebrar a representação corporal, do imaginário da época, como imagem e semelhança de Deus. (COSTA, 2003, p. 11-12).

A sacralização do corpo pela religião fez com que as marcas corporais adquirissem um estigma de práticas marginais, uma vez que iriam contra a ideia de um corpo sem falhas representante da imagem e semelhança de Deus. A proibição religiosa visava também o

recalque<sup>10</sup> da erotização do corpo, banindo quaisquer práticas que buscassem a exibição do corpo como objeto sexual erótico.

Dessa forma, a igreja considerou as práticas de marcar o corpo como manifestações pagãs que deveriam ser evitadas, ou utilizadas somente com o objetivo de marcar e identificar aqueles que não se adequavam aos valores religiosos:

Quando Constantino declarou o cristianismo como religião oficial do Império romano, no ano 325 DC, decretou que só os condenados a pelejar como gladiadores ou a trabalhar em minas deveriam ser tatuados nas pernas ou nas mãos, porém não no rosto, dado que isso supunha manchar uma criação feita à imagem e semelhança da beleza divina. Em 787 DC, o papa Adriano I proibiu todo tipo de tatuagens e os papas seguintes mantiveram a mesma tradição. (BENETI, 2012, p. 2).

Após as marcas corporais serem banidas pela igreja, foram os marinheiros que começaram a resgatar essa prática. Em suas viagens, eles observaram que em algumas ilhas os indivíduos de tribos possuíam corpos marcados como signos de coragem e identidade pessoal. Atualmente, nas ilhas da Polinésia a prática de marcas corporais ainda é mantida como uma tradição social e cultural. A partir do final do século XIX, além dos marinheiros, as tatuagens passaram a serem usadas por iniciativa própria pelas prostitutas, circenses, prisioneiros e homossexuais (COSTA, 2003, p.15).

É interessante recordar também o uso que as tatuagens tiveram durante a Segunda Guerra Mundial, nos campos de concentração de Auschwitz. Os prisioneiros de guerra levados aos campos de concentração eram marcados na pele com números de série que os identificavam. Diferente do uso da tatuagem como signo de identidade pessoal ou pertença social, esses prisioneiros carregavam signos de anonimato e desumanização:

O paradoxal é que esse ato, que costumeiramente provoca erotismo e pré-condição de singularidade, foi usado para produzir efeitos opostos. Como tatuagem, o que seria para constituir um corpo erotizado, um corpo que circula no coletivo, constituiu-se, na organização nazista, como condição necessária de deserotização, como uma maneira de tirar a forma do corpo. O número tatuado privava o sujeito do suporte de um traço simbólico (o traço unário), fixando o corpo como dejetivo não representável pelo circuito civilizador. (COSTA, 2003, p. 21).

---

<sup>10</sup> “Na linguagem comum, a palavra recalque designa o ato de fazer recuar ou de rechaçar alguém ou alguma coisa [...] Para Sigmund Freud, o recalque designa o processo que visa a manter no inconsciente todas as ideias e representações ligadas às pulsões e cuja realização, produtora de prazer, afetaria o equilíbrio do funcionamento psicológico do indivíduo, transformando-se em fonte de desprazer” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 647). Assim como na vida psíquica individual, na vida em sociedade a cultura recalca representações que podem colocar em risco a ordem coletiva.



Sendo assim, a tatuagem, que parece ter sua origem ligada à necessidade de marcar no corpo símbolos que expressassem experiências e singularidades, foi historicamente tendo suas significações transformadas e ampliadas. Após passar por uma desvalorização a partir da sacralização do corpo pelo Cristianismo, teve ainda uma inversão de função nos campos de concentração, nos quais o corpo era destituído de qualquer valor subjetivo e apresentado apenas como objeto.

A partir dessa breve revisão histórica sobre as marcas corporais, percebemos que seu desenvolvimento, e mesmo sua desvalorização, foram marcados por distintas significações. Tais significações acompanharam as diferentes representações do corpo na cultura. Os estigmas impostos às marcas corporais, pela representação do corpo sacralizado na Idade Média, permaneceram por um longo tempo. A sociedade ocidental contemporânea ainda carrega alguns traços de tais estigmas, porém a ocorrência dessas práticas de marcar o corpo vem se tornando cada vez mais comum, entre indivíduos de todas as idades e classes sociais.

Essa ocorrência pode ser observada como um retorno generalizado do que havia sido recalçado. Devido à prevalência das marcas corporais na contemporaneidade, cabe agora analisar as possíveis significações desse retorno, bem como aprofundar a compreensão de algumas práticas específicas que adquirem importância na clínica psicanalítica.

## **2.2 AS MARCAS CORPORAIS NA CONTEMPORANEIDADE**

A propagação do uso das marcas corporais pode ser visto como um fenômeno social contemporâneo, uma vez que essas marcas não se restringem mais a grupos ou indivíduos específicos. Portanto, surgem questionamentos de quais seriam as especificidades do retorno das tatuagens, *piercings*, escarificações e demais formas de marcar o corpo em nossa cultura atual. A partir da psicanálise é possível fazer algumas leituras dessas questões.

Segundo Beneti, vivemos “em uma época da ‘tatuagem generalizada’, de ‘todos tatuados’; adolescentes e jovens, praiheiros, acadêmicos ou baladeiros” (BENETI, 2012, p. 4). Este autor aponta que a tatuagem pode ser vista como uma forma de fazer laço social, sendo este entendido no contexto psicanalítico como a relação do sujeito com o Outro da linguagem, que permite a amarração dos registros do real, simbólico e imaginário. Ainda, segundo esse autor, na medida em que a tatuagem passa a fazer parte da imagem do sujeito ao ser colocada sobre a superfície da pele, essa se torna um recurso imaginário para dar conta de uma insuficiência de elaboração simbólica.

Essa constatação nos leva a considerar o fato de que, na sociedade contemporânea, tem se observado uma prevalência do imaginário em relação ao simbólico. As relações sociais parecem se orientar pela busca de objetos revestidos de aparências imaginárias e esvaziados de sentido. Isso implica um discurso cada vez menos orientado pela linguagem<sup>11</sup>, o que aponta a existência de falhas na inscrição de uma lei simbólica orientadora dos laços sociais:

Não é por acaso que denominamos “lei” tanto àquilo que descobrimos como regularidade, como invariante, na natureza, quanto às prescrições deliberadas que regulam nosso comportamento social. É que ambas – embora a radical diferença de sua origem e funcionamento – nos servem para estabelecer um ordenamento da coisa. Isso é o que chamamos de “ordem simbólica”. (JERUSALINSKY, 2004, p.11).

A passagem da sociedade tradicional para a modernidade foi acompanhada de um declínio dessa ordem simbólica. Demandamos do Outro a consistência de uma palavra que tenha valor de lei, porém essa consistência vem claudicando na contemporaneidade. Há um declínio do pai, uma vez que a função paterna é fazer a inscrição de uma lei simbólica, através do significante Nome-do-Pai:

A preocupação de Lacan com o declínio do pai não se situa na questão do enfraquecimento da imago masculina, mas nesse ponto onde quem até agora constituía o referente simbólico dessa função de lei deixa de sê-lo sem se habilitar no seu lugar uma clara substituição. (JERUSALINSKY, 2004, p. 12).

Frente a esse declínio, o sujeito precisa buscar recursos que sustentem a ordem simbólica necessária para o equilíbrio de sua vida psíquica, e que permitam sua circulação social. Segundo Jerusalinsky, é necessário que o significante faça marca, que tenha consequências sobre o corpo, para que ele tenha valor de lei (JERUSALINSKY, 2004, p. 11). Nesse sentido, diante da fragilidade da inscrição simbólica do significante, a produção de marcas corporais pode ser compreendida como uma forma de escrita no corpo, tomando a concepção lacaniana de escrita enquanto um efeito de linguagem e como um recurso de acesso ao simbólico. A escrita no corpo seria considerada assim como uma das alternativas possíveis e singulares de relação do sujeito com o Outro, forma possível de articular laço social. Além disso, ainda segundo Jerusalinsky, o ato de o sujeito escrever sobre o próprio

---

<sup>11</sup> A ordem da linguagem deve ser entendida aqui como função psicológica, do registro do simbólico, diferenciando-se da fala que é um recurso instrumental. Nesse sentido, o discurso pode ser tomado como o laço entre o sujeito e o Outro, que se constitui a partir da relação primária com a função materna, que transmite a partir da linguagem os significantes que mais tarde serão ordenados pela inscrição da lei paterna.

corpo as marcas que o identifiquem traz uma permanência àquilo que no discurso aparece como referências instáveis e transitórias.

Essa relação do corpo com o laço social também é abordada por Costa (2003), a partir da noção de bordas corporais. Para essa autora, as tatuagens, piercings e escarificações são formas da fazer bordas, de situar as fronteiras corporais. Essas bordas são recortadas a partir do suporte do olhar do Outro, desde as constituições da imagem corporal, advinda do processo do estágio do espelho. São essas bordas corporais que constituem a relação do sujeito com o ambiente, com o outro semelhante e com a realidade.

Uma vez que a constituição do sujeito não é um processo definitivo, pois está em constante movimento e reelaboração nas relações subjetivas, esses recortes corporais a partir do olhar do Outro também estão em constante reconstituição. Sendo assim, as marcas corporais são uma forma de reconstituir as bordas corporais. Considerando a relação das bordas corporais com o suporte do olhar do Outro, se diz que essas são também bordas sociais:

[...] o sujeito em causa para a psicanálise é aquele que surge de nossa alienação fundamental ao Outro, estabelecida a partir da matriz de nossas relações primárias. Assim, as bordas corporais são, por princípio, “bordas sociais”, tendo em vista que são efeitos de nossa relação à linguagem – lugar desse Outro primordial – que é, desde o início, produtora de laço social. (COSTA, 2003, p. 23).

Da mesma forma que o sujeito tem a necessidade de situar as fronteiras corporais nessa produção de bordas, surge também a necessidade da representação do corpo frente ao discurso do social. Ainda segundo Costa (2003), a matriz representacional de um corpo sacralizado sem falhas, que se ligava ao discurso social da Idade Média, ainda permanece como referência na contemporaneidade. Porém, essa representação que era ligada à religião, é hoje substituída pela eficiência de uma imagem que corresponda ao ideal higienista introduzido pela ciência:

Se, na Idade Média, o outro estrangeiro era marcado para compor as margens: os contornos de uma imagem ideal; hoje as margens são buscadas ativamente para esburacarem uma perfeição de uma imagem impossível de realizar [...] Pelas margens é que parece dar-se a busca de uma singularidade, na tentativa de produzir e evidenciar as falhas de um discurso sobre a suficiência de uma imagem ideal. (COSTA, 2003, p. 22).

Em relação à imagem de um corpo ideal colocado pelo discurso contemporâneo, Corso observa que vivemos uma época de corpos extremamente disciplinados e expostos. Disciplinados para dar conta do ideal de um corpo sarado, e expostos para responder a uma

demanda de exibição da perfeição da imagem. Dessa forma, as marcas corporais, das quais o sujeito não pode se despir, seriam uma forma de fazer resistência ao olhar invasivo dos outros, uma vez que “o corpo tatuado ou perfurado possui-se a si mesmo, afasta o olhar, por mais acostumado que se esteja com essas práticas” (CORSO, M., 2012, p. 53).

Esse mesmo autor traz também importantes observações sobre a grande presença da prática de marcar o corpo na adolescência. No primeiro capítulo desse trabalho, abordamos a ideia da adolescência entendida como uma construção social contemporânea, e em relação a isso Corso afirma que atualmente os jovens enfrentam muitas dificuldades em “crescer”, e completa dizendo que “colocar marcas corporais, em muitos desses casos, é uma tentativa de afastar esse corpo crescido dos cuidados maternos que se prolongam [...]” (CORSO, M., 2012, p. 53).

Costa também observa que atualmente, na sociedade ocidental, as modificações corporais são mais frequentes entre os adolescentes:

Assim como, na Idade Média, as marcas corporais eram representantes da infâmia e do marginal, constituindo-se em uma prescrição social de desonra, o retorno ao uso no ocidente se dá pela busca ativa, de cada indivíduo, por um valor marginal [...] Com a forma de organização própria contemporânea, na qual o marginal passa a ter valor pela exceção que se constitui socialmente, o uso das marcas corporais passa a se disseminar entre os jovens. (COSTA, 2003, p. 15).

Além dessa observação, em outra obra a autora indica que está havendo um aumento da demanda clínica de casos em que os sujeitos se autoprovocam cortes na pele (COSTA, 2015, p. 114). Surge aqui a questão sobre a qual nos dedicaremos a aprofundar a compreensão: a automutilação, também denominada *self cutting* (cortando a si mesmo). Essa prática também é abordada por alguns autores como escarificação, tal como Jatobá:

Na contemporaneidade, uma das formas utilizadas para marcar o corpo é a escarificação. O ato de escarificar é um tipo superficial de automutilação, a qual envolve um ato intencional de um indivíduo que objetiva modificar ou destruir uma parte do tecido do corpo, sem ter a intenção de cometer o suicídio. Frente à frequência de casos de escarificação na adolescência, existe a necessidade de examinar este fenômeno, tomando por base questões subjetivas aí envolvidas. (JATOBÁ, 2010, p. 9).

Porém, neste trabalho escolhemos nos referir a essa prática pela denominação de automutilação ou *cutting*, em lugar de escarificação. Escarificar significa fazer uma incisão superficial na pele com instrumentos cortantes, de forma intencional, no intuito de deixar uma cicatriz no corpo. No entanto, geralmente a escarificação é entendida como uma prática para

fins decorativos, sendo que em algumas culturas esse tipo de marca corporal é considerado um símbolo de beleza.

Sendo assim, a partir daqui iremos abordar, pelo viés da teoria psicanalítica, a prática de automutilação ou *cutting*, que são os casos em que o sujeito se autoprovoca cortes na pele, porém não como uma decoração. Nesses casos, o sujeito afirma encontrar um alívio para a dor psíquica provocando uma dor física. Dessa forma, seus cortes visam apenas provocar um ferimento, sem representar uma imagem ou símbolos específicos através das cicatrizes.

### **2.3 AUTOMUTILAÇÃO/CUTTING: ASPECTOS INTRODUTÓRIOS PELO VIÉS PSICANALÍTICO**

A prática da automutilação, quando provocada repetidamente, é entendida como uma compulsão, que aparece em momentos de angústia do sujeito. Tal compulsão faz com que essa prática torne-se motivo de procura por atendimento psicológico, que na grande maioria das vezes ocorre por intermédio dos pais ou escola desses adolescentes que se cortam. Porém, antes de focar nossa análise para a articulação entre a produção de cortes na pele e as questões da adolescência, é possível antecipar algumas pontuações acerca de conceitos psicanalíticos que podem nos ajudar a compreender algumas especificidades da prática de automutilação.

Uma primeira observação importante de se fazer é que, nesses casos clínicos, devido à intencionalidade da repetição, percebe-se que os sujeitos não sentem a dor consequente desses cortes como um desprazer. Ao contrário, costumam relatar que utilizam tal prática para produzir alívio de algum sofrimento psíquico, encontrando satisfação após produzir o ferimento. O alívio da angústia através da automutilação/*cutting*, bem como a compulsão por esse ato, indica o encontro do prazer na dor provocada pelos cortes. Segundo Freud (1996d), em “O problema econômico do masoquismo”, a tendência de encontrar satisfação além do princípio do prazer, contrariando a evitação do desprazer, é observada no masoquismo. Dessa forma, é possível supor que nas automutilações está atuando uma dinâmica masoquista, que faz com que a dor provocada no corpo produza satisfação ao sujeito.

Conforme Freud, o princípio do prazer é definido como a tendência do sujeito evitar o desprazer e obter prazer. Porém, o masoquismo contraria essa tendência. Para entender como seria possível a dor e sofrimento representar prazer para o sujeito, Freud desenvolveu a ideia de que existem três formas de masoquismo: o erógeno, o feminino, e o moral. Os dois primeiros estão ligados mais diretamente à sexualidade, envolvendo a figura de uma pessoa amada na fantasia masoquista, enquanto que o masoquismo moral visa essencialmente o

próprio sofrimento, envolvendo um sentimento de culpa inconsciente e a necessidade de autopunição.

Alguns autores consideram as automutilações como um masoquismo moral, na medida em que a dificuldade dos sujeitos abandonarem a compulsão pelos cortes se justificaria pela necessidade constante de autopunição pela existência do sentimento de culpa inconsciente:

Ele [Freud] percebeu, em alguns pacientes, reações inversas na medida em que os encorajava e dava-lhes alguma esperança. Esses pacientes, em alguns casos, se recusavam a abandonar a punição do sofrimento, por tal sentimento de culpa. Pensa-se então, na dificuldade que os automutiladores têm de abandonar os cortes na pele. (BIZRI; AZEVEDO, 2014, p. 5).

Jerusalinsky (2004) afirmou que o discurso atual preza o objeto como real, e que por conta disso a prática de certas marcas corporais revelariam uma posição masoquista, como uma forma de se transformar nesse objeto real. Tal autor argumenta que o que está em causa na posição masoquista não é somente o sofrimento que se faz capaz de suportar, mas principalmente o fato dessa condição produzir uma anulação do sujeito, o qual se torna puro objeto.

Nesse sentido, ao considerar uma tentativa de anulação do sujeito, é possível pensar também que nesses casos a dimensão do simbólico fica prejudicada, o que faz com que o ato de provocar o corte no real do corpo seja uma forma de suplência, ou ainda de transbordar para o corpo os excessos impossíveis de simbolizar psiquicamente.

Em relação às dificuldades de acesso ao simbólico, é preciso retomar a noção da passagem do corpo imaginário e alienado, do estádio do espelho, ao corpo próprio, a partir da separação e intervenção paterna. Costuma-se dizer que a função paterna é fazer um corte simbólico na relação dual mãe-filho. Uma vez que esse corte simbólico não se mostra eficaz, surge a necessidade de uma inscrição real:

A função do corte é, por excelência, a função que cabe ao significante quando sua incidência sobre a carne faz dela corpo. Não há corpo sem que a função do corte não tenha operado, resultando numa perda [...] O corte aparece, assim, na relação entre o corpo próprio e o corpo simbólico do Outro como o resultado das operações de alienação e separação. Se na face da alienação temos mais o aspecto da identificação, na separação predomina a perda, não só deste resto corporal como da possibilidade de nomeá-lo. (MANSO; CALDAS, 2013, p.115).

Sabemos que na adolescência as questões referentes à imagem do corpo se atualizam, e que essa função do significante enquanto corte vai se mostrar válida ou insuficiente. Tal

constatação nos remete novamente a pensar na predominância das práticas de automutilação/*cutting* entre os adolescentes.

Além da predominância da automutilação/*cutting* na adolescência, autores que têm se dedicado a esse tema demonstram que tal prática se apresenta especialmente entre as meninas:

Aqui poderíamos introduzir uma outra regularidade curiosa acerca das práticas de intervenção sobre o corpo. A modalidade concernente à suspensão, onde o corte ocorre principalmente na forma de furos, é virtualmente praticada por homens. Na modalidade chamada de *cutting*, o sujeito corta-se com lâminas e a visão do sangue escorrendo sobre a pele geralmente ocupa uma função erótica característica, há uma absoluta predominância de mulheres. (RAMIREZ; DUNKER, 2008).

Costa também verificou tal predominância:

Os relatos das meninas (com frequência entre 12 e 14 anos) se repetem como desses textos sem sujeito: se angustiam, se cortam, se aliviam ao olhar o sangue saindo [...] Parece constituir-se assim uma dinâmica contemporânea das tentativas de separação na adolescência, prevalente entre meninas. (COSTA, 2015, p. 115).

Considerando tais observações, nos dedicaremos a partir daqui a compreender qual é o lugar ocupado pela prática da automutilação na vida psíquica dessas meninas. Permanecem ainda algumas questões específicas sobre o ato de cortar-se, que agora irão juntar-se a questões acerca do corpo feminino e demais características do processo de subjetivação feminina a partir da adolescência, na tentativa de ampliar as possibilidades de interpretação dessa temática.

### **3 AUTOMUTILAÇÃO/CUTTING, ADOLESCÊNCIA E FEMININO: ARTICULAÇÕES POSSÍVEIS**

*“Meu sangue derramado é a minha droga. Bizarra e tóxica para os outros. Para mim, não. É vida. Estou tentando me salvar, ainda que tenha de cortar as próprias cicatrizes se já não houver mais carne ainda não aberta. E um dia terei uma nova pele, um corpo inteiramente recortado por mim.”*  
(BRUM, 2011, p.60)

#### **3.1 O CORPO NA ADOLESCÊNCIA**

No primeiro capítulo deste trabalho contextualizamos questões concernentes ao tema da adolescência, e agora se faz necessário retomar alguns aspectos que entram em causa ao analisar a problemática das automutilações/*cutting* praticadas pelas adolescentes. Compreendemos a adolescência enquanto um momento psíquico complexo, uma passagem que coloca em questão a constituição psíquica e a possibilidade de o sujeito posicionar-se em relação a seu desejo e ao seu lugar no social.

As consequências das operações subjetivas que ocorrem nessa passagem terão efeitos durante toda a vida do sujeito. Trata-se de um momento de importantes modificações, que caracterizam crises e que levam o sujeito adolescente a buscar recursos que permitam aliviar ou amenizar a angústia, que invariavelmente acompanha as transições da adolescência. A angústia é entendida aqui de acordo com as concepções formuladas por Lacan (2005), como um afeto estrutural, que aparece em momentos extremos, nos quais algo de irrepresentável se apresenta e provoca uma desorganização subjetiva.

Esses momentos extremos, de irrupção da dimensão do real, que demandam uma simbolização para a qual o sujeito ainda vacila, estão muito presentes na adolescência. Rassial (1999b), psicanalista que investigou amplamente as especificidades da análise com adolescentes a partir de sua prática clínica, considerou que a adolescência aparece como um momento de loucura, sendo que muitas vezes se torna difícil fazer um diagnóstico diferencial entre episódios delirantes adolescentes de estrutura neurótica e crises agudas de uma psicose já constituída.

Rassial (*Ibid.*) coloca três aspectos da adolescência que aproximam esse momento da loucura: em primeiro lugar, é frequentemente nesse momento que irá ocorrer uma entrada na psicose, sendo que os primeiros surtos podem ocorrer nas crises de adolescência; em segundo lugar, os adolescentes poderiam corresponder a um estado-limite, ou um diagnóstico de



*borderline*<sup>12</sup>, que também é definido como “adolescência tardia”, ou psicose infantil ainda não definida como psicose adulta; e em terceiro lugar, as questões do sujeito adolescente sobre seu corpo, sua imagem perante o Outro, seu papel sexual e sua inscrição na ordem social se apresentam semelhantes às questões que surgem na psicose.

As questões relativas às modificações do corpo, que são não só fisiológicas, mas especialmente de mudança de valor e estatuto de representação perante o Outro, se destacam nos momentos de desordem psíquica da adolescência:

O eu (moi), por ser imaginário, é perturbado por um questionamento radical dos processos de identificação, por uma desorganização da ordem simbólica. Assim, o que estava ligado para a criança, na apropriação imaginária de seu corpo e do mundo, real e simbolicamente determinados, desliga-se para o adolescente; e isto, muito mais do que assegurar-lhe a liberdade de que ele reivindica, fá-lo vizinhar com o delírio. (RASSIAL, 1999b, p. 132).

Essa desorganização da ordem simbólica, que provoca a perturbação da imagem corporal, se manifesta na relação com as figuras parentais, uma vez que essas são os representantes primordiais do Outro enquanto lugar dos significantes. Além disso, aquilo que estava ligado para a criança e que se desliga na adolescência é o que irá permitir a constituição subjetiva, ou que fará com que o sujeito permaneça em uma desordem psíquica enquanto não encontrar referências para novas ligações. Costa aborda essas ligações como as possibilidades de amarração dos registros Real, Simbólico e Imaginário:

Assim, não somente o campo da representação – o que diz respeito ao imaginário e ao espelho – sustenta o corpo. Aqui entra a necessidade de amarração dos três registros – RSI [...] A relação aos três registros situa uma outra constituição de ternário, muito além de uma referência edipiana. (COSTA, 2015, p. 105).

Tal constituição de ternário, que se situa além da referência edipiana, é o que o sujeito adolescente irá buscar nas relações com o Outro sexo. Retomando o que Rassial definiu em relação a esse outro semelhante que fará mediação simbólica na reconstituição da operação especular, o qual ele denominou de Outro sexo: “se o Outro do lactente deve ser referido à Mãe e o Outro do Édipo aos pais, o Outro do adolescente está imaginariamente ligado ao Outro sexo” (RASSIAL, 1999b, p.49). É nesse movimento de reconstituição de

<sup>12</sup> O Transtorno da Personalidade *Borderline*, definido pelo DSM V como “um padrão difuso de instabilidade das relações interpessoais, da autoimagem e dos afetos e de impulsividade acentuada” (2014, p.663), inclui em seus critérios diagnósticos a prática das automutilações. Observa-se que a definição geral desse transtorno se assemelha com as crises psíquicas inerentes à passagem adolescente, e que em alguns casos adolescentes que se cortam recebem esse diagnóstico, sendo necessário ressaltar a importância de um diagnóstico diferencial e não precipitado nos casos de *cutting*, e considerando também que em psicanálise só é possível um diagnóstico estrutural a partir da transferência estabelecida entre analista e paciente.

referências imaginárias e simbólicas, que sejam capazes de dar conta da construção de uma nova imagem de si, de uma reapropriação corporal, que o sujeito adolescente pode vir a encontrar entraves.

Costa (2004) traz a concepção de corpo pulsional, entendido como um corpo social na medida em que se representa na relação com os nossos semelhantes, e que está em constante constituição. Antes de se representar como corpo social, este será uma espécie de corpo coletivo, formado pelos objetos pulsionais que se constituem no campo relacional primário com a mãe (seio, cocô, olhar e voz), que têm essa característica de pertencerem tanto à mãe quanto à criança. Nesse sentido, tais objetos irão conjugar o corpo do sujeito com o corpo do Outro. Essa conjugação precisará de uma intervenção terceira que recorte os orifícios desses objetos pulsionais, colocando limites que precisam ser refeitos constantemente na relação com os outros semelhantes, sustentando esse corpo social:

Na medida em que eles [objetos pulsionais e orifícios corporais] se apresentam num campo relacional, sempre precisarão desse suporte para sua existência. Nesse sentido, precisamos reconstituir, constantemente, as bordas corporais. E essa reconstituição somente acontece na relação com o outro, naquilo que se estabelece enquanto erogeneidade. Assim, precisamos constantemente recortar esses orifícios – voltar a erogeneizá-los – para o resto da vida. É nos momentos de crise que podemos perceber como isso entra tão fortemente em causa. (COSTA, 2004, p. 167).

Dessa forma, isso entra em causa precisamente na adolescência. Costa (*Ibid.*) coloca a adolescência como o momento em que se faz a passagem do corpo pulsional de representação infantil para um corpo pulsional que inclua o exercício de uma posição sexuada. Momento que implica também numa passagem do olhar materno para o olhar do Outro sexo, o qual está relacionado com o desejo e erotização. Tal passagem pode se problematizar e provocar angústia. Como já anunciamos no primeiro capítulo deste trabalho, a redistribuição pulsional que ocorre na adolescência se coloca de forma diferenciada para a menina ou o menino, da mesma forma as problemáticas e angústias que podem ocorrer nesse momento se apresentam de forma diferente, com características específicas para cada um.

Considerando o exposto no capítulo anterior, acerca da prevalência da prática de automutilação/*cutting* com as meninas adolescentes, abordaremos a partir daqui questões sobre a imagem do corpo feminino e sua constituição na adolescência. A partir daí, será possível levantar algumas hipóteses sobre o lugar que o ato de cortar-se assume para as meninas, frente às angústias que se apresentam nos entraves da passagem adolescente.

### **3.2 ENTRAVES E CORTES NA CONSTITUIÇÃO DO CORPO FEMININO**

A adolescência como momento de reconstituição da operação especular implica o movimento de apropriação dos objetos pulsionais, que Lacan denomina como objetos *a*, objetos caídos do Outro. A voz e o olhar, objetos que pertenciam ao Outro e davam suporte para constituição de uma imagem unificada no espelho durante a infância, retornam na adolescência como signos estrangeiros, que precisam de uma operação simbólica que permita uma representação desse corpo púbere. Na condição feminina a pulsão escópica fica acentuada, sendo que para a menina “a puberdade assinala o que pode ser visto pelos outros” (RASSIAL, 1999b, p. 25), as mudanças na silhueta e o crescimento dos seios são exemplos das modificações corporais que convocam o olhar. Dessa forma, seu corpo é tomado como um objeto que ao mesmo tempo em que convoca o olhar de um outro, também demanda uma confirmação de seu estatuto de desejável.

A adolescência também traz a interpelação a respeito da necessidade do sujeito se definir na sexuação, e isso coloca em causa a maneira que cada sujeito irá encontrar para lidar com a castração. Costa nos traz a questão do horror à castração que a condição feminina expõe:

Ali se coloca uma questão fundamental com relação ao corpo. Essa questão diz respeito à feminização como horror à castração. Bem entendido: o feminino, aqui, não diz respeito à diferença dos sexos. O feminino diz respeito ao que, tanto na cultura, quanto na clínica, se tematiza como horror à castração. (COSTA, 2012-2013, p. 99).

Para entender essa questão, é preciso recordar a passagem pelo complexo de Édipo. No primeiro tempo, a criança está identificada imaginariamente ao falo que completa a mãe. No segundo tempo, a entrada do pai que tem o falo provoca rivalidade, mas também provoca o amor, porque é esse pai que tira a criança do lugar de falo, que é também um lugar mortífero e angustiante. Esse amor ao pai do segundo tempo é um amor feminilizante (POMMIER, 2012), que faz com que tanto a menina quanto o menino sejam feminilizados nesse tempo do complexo de castração. A simbolização do falo no terceiro tempo, e a condição de aceitar ou não o amor ao pai é o que vai dizer da posição feminina ou masculina, que serão reafirmadas na adolescência. Nesse sentido é que o feminino não diz respeito somente à diferença dos sexos.

Costa avança trazendo contribuições sobre a relação do olhar com a castração. Segundo ela, o horror à castração traz também a questão da perda da relação direta do corpo da criança com o olhar e o saber materno:

É quando o corpo do púbere deixa de ser uma questão da mãe. O horror à castração em causa é a perda da condição específica desse olhar que dizia do corpo, produzindo uma fenda, um *gap* não representável. Assim, colocam-se dois elementos privilegiados a se destacar nessa passagem. Por um lado, o olhar que situa uma dobradiça entre horror e fascínio. E, por outro lado, a relação com o saber. (COSTA, 2012-2013, p. 99).

A relação com o saber materno sobre o corpo vai se problematizar para a menina, uma vez que na adolescência esse saber vai ser novamente convocado, dessa vez para responder sobre a condição de ser mulher. Dessa forma, a separação da menina com a mãe, que começa a se desenrolar com o complexo de castração, ocorre num processo mais complexo do que com o menino. Essa complexidade se justifica pelo fato de haver aí um furo no saber materno, uma vez que não existe um significante que represente a mulher, tal como o falo vai representar a masculinidade na identificação do menino com o pai:

A entrada na castração se dá assim para o menino, com o processo de sua identificação masculina. Para a menina, o problema é mais complexo. Lacan nos ensinou que uma identificação imaginária só se fixa como semelhança do sujeito se puder se apoiar sobre um traço simbólico, "traço unário", como ele o chama, espécie de significante mínimo que o sujeito apanha do Outro para arrimar sua identidade. Ora, a mãe não pode em caso algum fornecer à filha um traço unário que suporte sua identidade de menina, pelo motivo de que o significante da identidade feminina não existe. E com esta falta radical no Outro que a menina deve se confrontar. (ANDRÉ, 1998, p. 195).

A partir dessas considerações, podemos compreender que a adolescência para a menina traz questões específicas, principalmente em relação a responder de uma posição na sexuação, levando em conta essa falta de um apoio simbólico para a identificação feminina. A sustentação de uma imagem corporal na ausência de uma operação simbólica produzirá angústia, e fará com que o sujeito busque recursos para amenizá-la.

A emergência do real do corpo púbere produz uma necessidade de elaboração. A imagem do espelho agora retorna dotada de caracteres sexuais, que remetem ao corpo adulto, e no caso das meninas remetem ao corpo da mãe. Como encontrar uma saída para apropriar-se dessa nova imagem, como encontrar um caminho a partir da castração, frente à ausência do significante da identidade feminina? Dar conta dessa questão envolve uma construção subjetiva, que poderá encontrar entraves. Por vezes, a dificuldade em lidar com essa nova imagem corporal produzirá atos sobre o corpo. As práticas de automutilação/*cutting* são exemplos desses atos dirigidos ao corpo como tentativa de amenizar uma angústia.

São cada vez mais frequentes os relatos sobre meninas, adolescentes, que se cortam intencionalmente. Tais relatos aparecem tanto em estudos de casos clínicos (COSTA, 2012-2013, 2015; GIONGO, 2015; JATOBÁ, 2010), quanto na internet, em redes sociais ou *blogs*, nos quais as meninas expõem seus cortes e seus depoimentos sobre o sofrimento que as leva a cometer tais atos. Muitas vezes, nesses depoimentos, elas afirmam que a dor física é provocada na tentativa de aliviar uma dor psíquica. O fato que irá desencadear essa “dor psíquica”, a angústia, são situações subjetivas que variam em cada caso, o que há em comum é que esses atos provocam uma compulsão, sendo que essas meninas dizem que provocar cortes na própria pele se tornou um “vício”.

A respeito dos atos que surgem frente à angústia, Lacan (1962-2005) nos diz que: “Agir é arrancar da angústia a própria certeza. Agir é efetuar uma transferência de angústia” (p.88). É a partir dessa premissa que podemos pensar as práticas de automutilação/*cutting* como um *acting out*. Na ausência de um apoio simbólico para dar conta da angústia, na ausência de palavras, de significantes para falar da dor psíquica, as adolescentes recorrem aos atos:

[...] o que se impõe é a passagem para uma posição sexuada, em que a construção adolescente surge como uma afirmação dessa posição. As dificuldades se constituem nesse momento. Acompanhamos um trânsito que implica tanto a angústia quanto a constrição do corpo pela inibição, até a escolha do sintoma. Digamos que o *acting* adolescente se detém na borda: numa anterioridade lógica à escolha do sintoma. (COSTA, 2015, p. 115).

A escolha do sintoma, que transcorrerá como uma resolução da adolescência é o que Lacan chamou de *sinthoma*: “alguma coisa que permite ao simbólico, ao imaginário e ao real continuarem juntos” (LACAN, 1976-2007, p. 91). O ato de cortar-se, que aparece em momentos de angústia denotando que algo vacila na amarração desses três registros, pode ser então considerado como *acting out*. Algumas singularidades da prática de automutilação/*cutting* vão diferenciar a compulsão pelos cortes das tentativas de suicídio, as quais seriam da ordem da passagem ao ato. O alvo dessas meninas que se cortam não é a morte, embora em alguns casos extremos haja o risco de efetuar o suicídio.

A automutilação/*cutting* se configura como uma mensagem endereçada ao Outro, que demanda uma interpretação, e que busca um alívio da angústia, tal como Lacan afirmou que o *acting out* aparece como sendo uma “mostração” da ordem da evitação da angústia: “O *acting out* é, essencialmente, alguma coisa que se mostra na conduta do sujeito. A ênfase demonstrativa de todo *acting out*, sua orientação para o Outro, deve ser destacada.” (LACAN,

1962-2005, p. 137). Nesse sentido, os cortes expostos na pele das adolescentes se dão a ver, demandam uma interpretação, clamam por uma leitura. Embora algumas vezes as cicatrizes, que geralmente estão nos braços e pernas, são escondidas pelas roupas, é nesse próprio jogo de mostrar e ocultar que os cortes irão capturar o olhar, e ao mesmo tempo produzir uma borda nesse olhar.

A necessidade de produzir uma borda no olhar do Outro, através dos cortes na pele, indicam que esse olhar vem em excesso. Nos casos das adolescentes que se cortam é o olhar materno que entra em questão, numa tentativa de fazer um ponto cego na onividência materna. Os cortes visam a produzir uma falta, fazer cair o objeto olhar do Outro:

Esse ponto cego atuado engana – ao mesmo tempo produtor de horror e fascínio – mantém a cena e gera compulsão. Essa manutenção alude à dificuldade na constituição de uma separação, que pudesse permitir a constituição de um sintoma. A não constituição do sintoma diz da fragilidade de uma tal organização, na medida em que não sustenta o lugar do sujeito. Essa colagem do corpo à cena – da rasura ao ponto cego – interpela e pode levar a produções extremadas. (COSTA, 2012-2013, p. 102).

A dificuldade na constituição de uma separação é típica da relação da menina com a mãe, devido à questão abordada anteriormente, em relação à entrada na castração, que não é acompanhada de um traço que permita a simbolização da identidade feminina. O movimento de separação na adolescência coloca em causa de simbolização de si, do Outro, do objeto *a* e da realidade, que vai produzir a possibilidade de reconhecimento, de representar-se simbolicamente. Costa (2004) afirma que quando esse movimento não é bem realizado, poderá resultar numa “separação alienada”, que é quando a separação não se realiza completamente, em que a perda não é simbolizada, devido à dificuldade de fazer cair os objetos pulsionais.

Ainda conforme Costa: “o corte compulsivo da pele faz referência a um objeto que não cai” (COSTA, 2015, p.116). Trata-se aqui dos objetos que pertencem ao corpo da mãe, sendo que os casos de automutilação/*cutting* apontam para as dificuldades de colocar limites na relação com a mãe, constituída como excesso. Os cortes se apresentam como tentativas de produzir bordas corporais na relação do eu com o Outro, mesmo que isso se apresente como uma agressividade ao próprio corpo:

Para a menina, o corpo do excesso remete à ligação ao corpo da mãe, o que provoca tentativas atuadas de separação. Agressividade, virulência, retração, fazem parte dessas tentativas. Como já destacamos anteriormente, é a busca de produzir bordas corporais – limites no corpo – quando o mesmo perdeu a configuração imaginária e se confunde com a face real do objeto. Ou seja, quando a dissimetria de registros

(RSI) perde uma diferenciação necessária. A jovem pode ficar suspensa num tempo de produção de bordas, furos e atuações de separação, sem que isso a leve a singularização de um sintoma. (COSTA, 2015, p. 119).

Em relação à agressividade, atuada no próprio corpo, mas direcionada ao Outro, podemos retomar o que Lacan (1998) formulou a respeito disso. Ele nos diz que a agressividade pode aparecer como uma tendência correlativa a um modo de identificação narcísica, comum na fase de transitivismo<sup>13</sup> normal da infância. Dessa forma, podemos perceber que a agressividade atuada no próprio corpo, dirigida ao Outro, aparece como uma regressão a esse tipo de agressividade constitutiva, regressão essa que Lacan afirma que pode ocorrer em tempos de metamorfoses libidinais, como ocorre na puberdade.

Retomemos agora a questão dos cortes como tentativa de produzir uma falta no Outro: “fazer furo lá onde se mostra excessivo, na medida em que provoca angústia, constituinte de um Outro sem faltas [...] a angústia é sinal de que a falta pode vir a faltar” (COSTA, 2015, p. 122). A falta da falta é o que se apresenta nas dificuldades de separação das adolescentes com a mãe, a dificuldade de fazer cair o objeto olhar da mãe, um olhar que tudo vê e que é insuportável. As adolescentes relatam que se cortam em momentos de angústia, e que se aliviam ao ver o sangue escorrendo. Essa angústia é um sinal da presença do objeto, este que o corte procura extrair para produzir uma falta. A angústia surge quando algo desse objeto, ainda pertencente à mãe, se faz presente:

Que a angústia não é sinal de uma falta, mas de algo que devemos conceber num nível duplicado, por ser a falta de apoio dada pela falta [...] O que provoca a angústia é tudo aquilo que nos anuncia, que nos permite entrever que voltaremos ao colo. Não é, ao contrário do que se diz, o ritmo nem a alternância da presença-ausência da mãe. A prova disso é que a criança se compraz em renovar esse jogo de presença-ausência. A possibilidade da ausência, eis a segurança da presença. O que há de mais angustiante para a criança é, justamente, quando a relação com base na qual essa possibilidade se institui, pela falta que a transforma em desejo, é perturbada, e ela fica perturbada ao máximo quando não há possibilidade de falta [...] (LACAN, 1962-2005, p. 64).

Para ilustrar as questões desenvolvidas até aqui, tomaremos como exemplo algumas passagens do livro intitulado “Uma Duas”, da jornalista Eliane Brum. Trata-se de uma ficção escrita em primeira pessoa, estilo que provoca uma aproximação do leitor com os personagens, e traz a questão da automutilação/*cutting* de forma bem explícita. A história narrada nesse livro tem como personagens centrais Laura e Maria Lúcia, filha e mãe, que

---

<sup>13</sup> Lacan (1998) trabalha o termo *transitivismo* a partir das formulações de Charlotte Bühler, para definir uma reação da fase primordial infantil, em que a criança adquire consciência do seu indivíduo em terceira pessoa, numa captação pela imagem do outro, provocando uma indiferenciação entre eu e Outro.

vivem uma relação conturbada desde que o pai de Laura foi embora. Laura se corta desde o início da adolescência, e relata que é através dessa prática que ela busca uma diferenciação do seu corpo com o corpo da mãe. Logo nas primeiras páginas do livro, encontramos a seguinte passagem narrada por Laura:

Para mim tudo é literal. Como meus braços bordados pelas cicatrizes de todas as tentativas de me separar do corpo de minha mãe. Para mim nunca houve um cordão umbilical que pudesse ser cortado. Só a dor de estar confundida com o corpo da mãe, de ser carne da mãe. Este ritual que agora pinga de mim como um fracasso. Mais um. Eu corto corto corto e ainda não sei que existo. Continuo sem corpo. E ela lá fora, com medo que eu vá embora, fingindo desconhecer que não posso partir. Nunca pude. Porque arrasto comigo o corpo dela, que me engolfa e engole. (BRUM, 2011, p. 13).

Em outra passagem, Laura conta sobre o primeiro ferimento que provocou em sua pele, que coincidiu com o dia em que teve a primeira menstruação, e que ocorreu dias após seu pai ter saído de casa, fato que desencadeou uma crise emocional na personagem. A angústia de Laura era acompanhada de uma intensa agressividade dirigida à mãe, a qual era considerada culpada pela “fuga” do pai. Essa agressividade faz com que a personagem deseje a morte de sua mãe, e ao falhar na tentativa de matar a mãe com uma faca, Laura descobre que pode atingi-la ferindo seu próprio corpo:

Parou exatamente na ponta da minha faca. Agachou-se para que a ponta encostasse no coração. Vamos. Enfia. Eu vi que o coração dela era aquele seio. Enfiei. A carne era menos dura do que eu imaginava. Vi a boca de sangue cuspir. E não pude mais. Deixei a faca cair no chão. Ela riu, e o som do seu riso feriu meus ouvidos tanto que desejei a surdez. Você é como seu pai. Fraca. Eu nem pude chorar. Agora ela gargalhava. O ruído indecente do ar passando pelos seus dentes coagulava o meu sangue. Não de novo, pensei. Não de novo. Lentamente, com a respiração ofegante pelo esforço de correr até o lugar além do medo, eu juntei a faca do chão. E com a coragem que não tive para ela, abri um sorriso vermelho na minha barriga. De um golpe só. Vi o riso secar entre seus dentes amarelos. Havia um jeito de me separar dela. (BRUM, 2011, p.46).

Essas duas passagens trazem de forma mais direta as questões que abordamos, sobre a dificuldade de separação entre eu e Outro. Apesar de ser uma personagem fictícia, a relação de Laura com a mãe traz as características que são encontradas em outros casos, na clínica ou em relatos na *internet*, de adolescentes que se cortam para lidar com a angústia de um Outro sem falhas, de uma relação corporal indiferenciada que demanda a constituição de limites e bordas. No decorrer da história, Laura relata sobre a dificuldade que ela tem em deixar de se cortar, dizendo que se trata de um desejo imperativo, que o sangue derramado é uma droga



que lhe provoca o vício. Nesse sentido, a repetição dos cortes como compulsão traz a questão do gozo.

Freud (1920-1996e) desenvolveu a questão da compulsão à repetição a partir de uma tendência do inconsciente em conservar processos que causaram sofrimento, contrariando o princípio do prazer. Lacan avança a investigação sobre isso ao longo de suas obras, trabalhando o conceito de gozo, que se diferencia do prazer ligado à satisfação. O gozo seria então aquilo que se situa mais além do princípio do prazer. A dimensão do gozo traz também a marca da perda originária, perda do objeto primário, pela condição da entrada na linguagem que caracteriza o sujeito como ser falante. O gozo se relaciona com o corpo, na medida em que o Outro da linguagem, do discurso, incide sobre o corpo. A partir dessas formulações, Costa relaciona algumas questões sobre a compulsão:

A compulsão é uma lei porque ela contém a dinâmica da repetição, que se estabelece sempre da mesma forma para o sujeito. Ela se estabelece a partir de um traço no qual o sujeito está completamente capturado, sendo ali onde se institui o gozo como lei. Por isso é paradoxal: a lei não está somente no limite, ela é também excesso. Ela contém a dupla face do objeto pulsional: de estar no lugar da perda do objeto primário, mas também de representar esse objeto, portanto, de fazer gozar. Temos ali a referência ao gozo e ao desejo. O desejo é do campo da falta. O objeto como falta relança o sujeito na sua procura por algo que o satisfaça. O gozo é uma forma de exercício na vertente do objeto que captura e aliena, num exercício onde o sujeito não se reconhece. (COSTA, 2004, p. 186).

Relacionando o conceito de compulsão com a prática dos cortes compulsivos, essa autora também desenvolve, em outra obra, a partir de proposições lacanianas sobre a flagelação, a ideia de uma equivalência entre o gesto que marca e o corpo enquanto objeto de gozo:

[...] reconhecemos um curto-circuito entre traço unário e objeto de gozo. Tanto a queixa quanto a compulsão são índices dessa questão. Nessas queixas a pele da adolescente é como um campo de batalha, em que se marca um encontro antecipado sexo/morte, em que a radicalidade do Outro se impõe, seja em sua face de gozo, seja pela condição da angústia [...] o desvanecimento do sujeito no gozo se confunde com o encontro deste unário, como presença que marca. Na efemeridade desse encontro é que a compulsão se estabelece, na medida em que, por mais que as meninas se cortem, a separação não se dá – não se procede ao luto – e a dor é gozo. (COSTA, 2015, p. 114-115).

Dessa forma, a compulsão na prática da automutilação/*cutting* se coloca como uma tentativa reiterada de inscrição do traço unário. Relembremos que o traço unário é a marca singular que permite uma identificação inconsciente com o significante, que se inscreve na medida em que os traços identificatórios contidos no Outro são interiorizados. Porém, aqui

retorna mais uma vez as dificuldades que se colocam nesse processo a partir do feminino. Uma vez que não existe um significante da identidade feminina, não há traços identificatórios suficientes no Outro, representado pela mãe, que possibilitem à menina a inscrição do traço unário. Nesse sentido, os cortes aparecem como um recurso que essas adolescentes encontram para escrever no corpo isso que é impossível de simbolizar, ou nas palavras de Costa: “uma busca do sujeito pela escrita de um ponto inapreensível, que pudesse presentificar uma perda de gozo, enquanto elemento separador resultante dessa perda” (COSTA, 2015, p.113).

Se há a necessidade de realizar um corte real, de deixar cicatrizes na pele, é porque o corte simbólico falhou. No lugar de uma inscrição do traço unário da dimensão do inconsciente, há a produção de marcas reais sobre a superfície do corpo. Aqui aparece a função da escrita como amparo à função paterna que ainda não se inscreveu, sendo que é a inscrição do significante do Nome-do-Pai que substitui o desejo da mãe, e cria o lugar da metáfora e da significação fálica. A relação desse significante paterno “é base para interpretar questões cruciais, tais como o saber sobre o sexo, na convocação à escolha que a posição sexuada coloca, tentando articular idealização e satisfação pulsional” (COSTA, 2015, p. 102).

A escrita, apresentada aqui como a escrita de marcas na pele através dos cortes, se situa como um evento transicional na adolescência:

O evento transicional é, então, a construção de um terceiro ainda indiferenciado: o terceiro como “ele/isso”, no mesmo lugar do objeto. É desse evento que se inscreve, num primeiro momento, a possibilidade de mediação dialética entre mãe e criança, sendo necessário reconstituí-lo ao longo da vida, nos momentos importantes de perdas de suportes fálicos estruturais. (COSTA, 2004, p. 182).

Os cortes aparecem nessa posição de terceiro para produzir a mediação entre a adolescente e a mãe, uma vez que algo nessa relação de identificação e separação falha, e se caracteriza como um desses momentos de perda de suporte fálico estrutural. Podemos aqui nos apoiar num personagem fictício, mais uma vez, para ilustrar a questão abordada. Trata-se agora da personagem Lee (Maggie Gyllenhaal), do filme “Secretária” (Secretary, 2002), dirigido por Steven Shainberg.

Lee é uma jovem que se corta desde o início da adolescência e, ao contrário da personagem Laura do livro de Eliane Brum, embora a mãe apareça também como uma presença excessiva, o que se destaca no filme é a relação de Lee com o pai. Alcoolista, o pai de Lee aparece como um pai “fraco”, incapaz de transmitir um suporte fálico estrutural. É interessante observar que as situações que provocam angústia em Lee, e fazem com que ela recorra a seu “*kit costura*”, são as situações em que esse pai aparece embriagado e impotente.

Nesse sentido, os cortes ocupam essa posição de terceiro, da qual o pai insistentemente escapa, deixa de se inscrever enquanto um nome que transmita um significante que sustente a identificação ao traço unário.

As questões apresentadas até aqui remetem aos casos em que as meninas relatam que começaram a cortar-se por alguma questão singular. Porém, há ainda outro aspecto, que se refere àquelas meninas que começaram a cortar-se após uma amiga ter iniciado essa prática, ou após conhecer pela *internet* outros casos de automutilação/*cutting*, numa espécie de identificação que produziu a compulsão. Tal aspecto tem aparecido mais recentemente, com o aumento da exposição das adolescentes e suas cicatrizes através de *blogs* e redes sociais. Costa (2012-2013; 2015) ressalta a importância de observar que o surgimento dessa prática, a partir de algo que ocorre como um contágio, apresenta algumas singularidades.

Costa (2015) aponta a necessidade de maiores investigações acerca do efeito de contágio produzido pela *internet*, que é um elemento contemporâneo. Entretanto, a autora desenvolve uma hipótese sobre esse elemento, relacionando os casos das adolescentes de hoje, que se cortam, com o caso trabalhado por Freud, sobre as meninas de um pensionato que tiveram o “mesmo” ataque histérico. A respeito disso, essa autora traz a questão da sintomática histérica, de “tomar para si qualquer discurso sobre o corpo e, principalmente, sobre um corpo que não funciona” (COSTA, 2015, p.118), articulada à questão lacaniana que coloca o contágio como uma tentativa criação de um “falso corpo”, uma simulação na multidão de algo que irá funcionar como um corpo:

Assim, essa imagem do ataque histérico que contagia revela o avesso da fundação do suporte corporal, sustentado por uma imagem, mostrando seu furo. Partindo dessas colocações, podemos reconhecer que a mimesis produzida nessa situação é o avesso da unificação do corpo, na constituição do espelho. O grupo – como efeito de contágio do *falso corpo* – produz mimesis no desfalecimento, numa imagem de queda, de furo, do que fica encoberto na imagem especular. (*Ibid.* p. 118).

Assim, pode ocorrer que as adolescentes iniciem a prática da automutilação/*cutting* apoiadas no caso de outras, numa identificação que toma o outro semelhante como referência, porém, na medida em que produz compulsão, essa prática se mantém. Além disso, a escolha por essa prática parece conter também nesses casos uma angústia que se coloca do lado da tentativa de separação do Outro.

Portanto, embora cada caso apresente questões singulares, seja a partir do fato que provoca o primeiro corte, quanto pelo processo que mantém a compulsão, trata-se em todos os casos de uma escrita sobre a pele que demanda uma leitura. Os cortes como *acting out*

convocam uma interpretação, e a partir dessa interpretação possível, se produzirá também a possibilidade de construção de um sintoma que posicione o sujeito na relação à castração.

### 3.3 AS POSSIBILIDADES DE ELABORAÇÃO DO SINTOMA

Como desenvolvemos no primeiro capítulo desse trabalho, o momento psíquico da adolescência deverá resultar numa passagem do familiar ao social, e no posicionamento quanto à sexuação, sendo experiências que vão determinar a eficiência do significante fálico. A eficiência do significante também resultará na construção de um sintoma estrutural, um *sinthoma* tal como Lacan formulou, que possa dar conta da castração, e possibilite uma circulação com limites e mediações. Essa saída a partir do complexo de castração vai se processar de maneira diversa para o menino e a menina:

Este complexo se apresenta, de fato, de maneira essencialmente diversa ao do menino: se este tem medo de perder o signo de sua identidade sexuada, e a partir daí, não mais poder ser um homem, a menina, esta, deve descobrir que jamais recebeu e jamais receberá tal signo [...] A partir dessa descoberta, abrem-se três vias para a menina: a primeira é a via neurótica da inibição sexual, a segunda a via "caricatural" do complexo de masculinidade, e a terceira, enfim, a da feminilidade. (ANDRÉ, 1998, p. 196).

Neste trabalho, não temos a intenção de nos aprofundarmos na análise dessas três vias possíveis para a menina, mas sim de apresentar algumas vias possíveis da substituição do *acting out* dos cortes por algo que seja da ordem de um *sinthoma*, que permita a amarração dos registros do real, simbólico e imaginário para a menina, sem a necessidade de ferir-se para aplacar a angústia. Apresentaremos quatro possibilidades de elaborações que permitem a escolha do sintoma: a resolução erótica; a escrita endereçada ao outro; a tatuagem; e a análise.

A resolução erótica se apresenta como um encontro com o Outro sexo que possibilite uma identificação sexual: “A articulação entre as tentativas de sedução, o namoro e o ato sexual é tentativa ao mesmo tempo de usar estes objetos investidos de um modo novo que são o olhar e a voz, de ressituar o objetos infantis redescobertos do lado do outro sexo” (RASSIAL, 1999b, p. 28). Como exemplo desse tipo de elaboração, no filme citado anteriormente, a personagem Lee consegue abandonar a prática da automutilação/*cutting* a partir do momento em que encontra um parceiro que se coloca no lado sádico, possibilitando a transformação dessas práticas em um sintoma masoquista direcionado a um objeto de amor.

A escrita como possibilidade de substituição se apresenta de forma diferente do que apresentamos no item anterior. Abordamos o ato de cortar-se como uma escrita sobre a

superfície do corpo, porém como lugar de terceiro, como um objeto transicional da adolescência. Conforme Costa (2004), a escrita no campo da transicionalidade não é para os outros, é para a construção de lugares. Para escrever para o outro é preciso aceitar a perda que ainda não se reconhece no campo da transicionalidade, é preciso que a operação de perda se reescreva no próprio corpo. Trata-se agora de escrever “na tentativa de se dar a ler, produzindo um leitor, como produzindo castração no Outro, enquanto forma de separação do corpo. É o destino escolhido por muitos escritores e artistas” (COSTA, 2015, p. 111). Como exemplo desse tipo de escrita, podemos citar novamente a personagem Laura, do livro “Uma Duas” de Eliane Brum. A personagem Laura também é jornalista, e narra sua história para escrever um livro, dizendo ao final que precisou escrever para “matar” a mãe, e no início relata: “Quando digito a primeira palavra o sangue ainda mancha os dentes da boca do meu braço. Das bocas todas do meu braço. Depois da primeira palavra não me corto mais. Eu agora sou ficção. Como ficção eu posso existir.” (BRUM, 2011, p. 5).

A terceira possibilidade, que é a tatuagem, é muito frequente atualmente, sendo possível encontrarmos na *internet* diversos casos de pessoas que fazem tatuagens para esconder cicatrizes, sendo que muitas dessas cicatrizes são devido à prática da automutilação/*cutting*. A respeito disso, Costa aponta a tatuagem como uma forma de ancoragem na fantasia, forma de velamento do Real, a partir da elaboração do luto pela perda do objeto, luto que na prática da automutilação/*cutting* não se elabora devido à presentificação do objeto:

Vemos algo desse processo mais claramente em algumas buscas por tatuagens. É por algumas significações que traz a tatuagem que nela podemos reconhecer algo de um luto, bem como de uma demanda de amor, numa condição que se diferencia dos cortes antes mencionados. Digamos que quando a tatuagem ocupa essa condição – na sua especificidade e diferença em relação aos cortes – contém uma tentativa de velamento, própria da fantasia. (COSTA, 2015, p. 116-117).

E por fim, temos a possibilidade em que estamos mais implicados, que é a análise, ou em outras palavras, a prática clínica sustentada pelo viés psicanalítico. Alguns psicanalistas (COSTA, 2012-2013, 2015; GIONGO, 2015; JATOBÁ, 2010) já apresentaram estudos de casos clínicos, em que as elaborações simbólicas produzidas em análise fizeram com que as meninas diminuíssem a intensidade e frequência dos cortes, ou então cessassem por completo essa prática. Isso ocorre porque o lugar da análise possibilita que o sujeito coloque palavras ali onde existe somente angústia, substituindo os atos. A respeito disso, Jatobá afirma: “consideramos que a oferta da de uma escuta analítica pode permitir que cada sujeito encontre

uma forma singular de tentar contornar simbolicamente esse encontro com o real” (JATOBÁ, 2010, p.85).

Para “fechar” este capítulo, entre aspas porque não se trata de um fechamento, visto que sempre restam interrogações possíveis de serem desenvolvidas, trago uma citação de Costa, que nos coloca a questão da impossibilidade de assimilação completa de separação das figuras primárias:

É impossível resolver, de uma vez para sempre, a nossa separação final das figuras de absoluto que nossas relações primárias representavam. Sempre seremos, de alguma forma, jogados insistentemente na relação a essas figuras. (COSTA, 2004, p. 193).

Essa impossibilidade nos remete à necessidade de todo sujeito, independe de idade cronológica, sempre ter que lidar com reedições de operações adolescentes, lembrando que a adolescência não é uma fase marcada por um tempo cronológico, mas sim um momento psíquico constitutivo, cujos efeitos podem retornar sempre, uma vez que o inconsciente é atemporal.

## CONCLUSÃO

A escolha por abordar o tema da automutilação/*cutting* sob o viés da teoria psicanalítica teve o objetivo não só de produção teórica do ponto de vista acadêmico, como também de ampliar os saberes necessários para a sustentação da prática de uma escuta clínica. Dessa forma, o desenvolvimento desse trabalho permitiu a compreensão de questões fundamentais, de interesse daqueles que queiram avançar o entendimento tanto sobre a automutilação/*cutting*, como sobre alguns aspectos da adolescência, das marcas corporais em geral, da passagem adolescente feminina, e de conceitos psicanalíticos que se apresentam na escuta do sujeito psíquico.

Buscamos desenvolver o tema da automutilação/*cutting* com base em uma pesquisa bibliográfica orientada pela seguinte questão de investigação: qual é a função psíquica das práticas de automutilação/*cutting* entre as adolescentes, e a que problemática subjetiva elas viriam a responder? A partir do referencial psicanalítico, consideramos a possibilidade de interpretação dos atos das adolescentes que autoprovocam-se cortes na pele. Para abordar as diversas questões vinculadas a essa prática, apresentamos nos dois primeiros capítulos uma revisão teórica sobre a adolescência e sobre as marcas corporais, e no terceiro capítulo desenvolvemos as articulações do tema da automutilação/*cutting* com o da adolescência e o do feminino.

Compreendemos a complexidade da adolescência enquanto momento psíquico, de forma que as operações que se organizam nesse tempo são centrais na constituição da subjetividade, determinando a forma como o sujeito irá se posicionar na sua relação com os outros e com os acontecimentos de sua vida daí para frente. Além disso, ao tomar a adolescência como um conceito que surge na modernidade, foi possível situar a relevância de compreender também o discurso social no qual o sujeito em questão está inserido, uma vez que os elementos discursivos de cada tempo provocam efeitos na vida psíquica de cada um.

Os elementos presentes no discurso social contemporâneo foram abordados também a partir da contextualização histórica e social das marcas corporais. Percebemos que as diversas significações que podem ser atribuídas aos diversos tipos de marcas produzidas sobre o corpo, sejam elas tatuagens, *piercings*, escarificações ou outras, variam de acordo com as representações que esse corpo passa a ter em cada cultura. A partir disso, foi possível chegar a algumas hipóteses em relação ao uso das marcas corporais na contemporaneidade. A representação do corpo em nossa cultura ocidental contemporânea se relaciona com a prevalência da dimensão imaginária sobre o simbólico. Com o declínio da função paterna

aumenta a necessidade dos sujeitos lançarem mão de recursos que possam fazer suplência ou dar conta da fragilidade da inscrição do significante fálico.

A partir desse percurso, nos deparamos com as articulações possíveis entre adolescência e marcas corporais, e chegamos ao nosso tema principal, o da especificidade da automutilação/*cutting* entre meninas adolescentes. A imagem do corpo púbere convoca a necessidade de construir singularmente uma forma de simbolizar o real que irrompe na puberdade, de dar conta da angústia que acompanha as tentativas de apropriação da nova imagem, constituída com as modificações corporais. Para a menina, entendemos que esse processo de simbolização da imagem corporal encontra entraves, devido à ausência de um significante que represente a mulher. A falta de um apoio simbólico para a identificação feminina irá colocar entraves também na relação da menina com a mãe, uma vez que é nessa relação que a adolescente busca algo que diga de seu desejo e sustente sua posição na sexuação.

Dessa forma, compreendemos a automutilação/*cutting* como um *acting out*, que sinaliza um fracasso na amarração dos registros do simbólico, imaginário e real, e vem dar conta da angústia que surge frente à dificuldade da menina em separar-se da mãe, e em constituir as bordas identificatórias de seu corpo próprio. Nesse sentido, o corte real sobre a pele faz suplência ao corte simbólico que ainda não se efetuou, ao significante paterno que ainda não se inscreveu. As cicatrizes aparecem como tentativas de reescrever repetidamente o traço unário, numa compulsão que visa a refazer constantemente as bordas corporais, a colocar limites entre o eu e o Outro, a suprimir a angústia frente à presença do objeto *a*, frente à falta da falta.

É a partir da queda do objeto *a*, a partir da simbolização da castração e da escolha do *sinthoma*, que a adolescente poderá constituir amarrações simbólicas, as quais irão possibilitar uma posição na sexuação e em relação ao seu desejo, uma possibilidade de reposicionar-se frente ao Outro. Nesse ponto, se destacou a importância da escuta clínica enquanto um dos suportes que podem contribuir para que a adolescente passe do ato à palavra, auxiliando na constituição das elaborações simbólicas necessárias.

Vale salientar que alguns aspectos do tema, apresentados nesse trabalho, demandam maiores investigações, as quais não foram possíveis de se ampliar através da pesquisa bibliográfica realizada. Trata-se da questão que tem se apresentado atualmente com o aumento da exposição de casos de automutilação/*cutting* através da *internet*, que denotam uma espécie de contágio que provoca identificações entre algumas meninas. Portanto, ressaltamos que o tema abordado está entrelaçado com uma complexidade de conceitos e



aspectos do discurso social contemporâneo, de forma que se coloca a necessidade de continuidade da investigação dessas questões.

Portanto, concluir este trabalho não significa encerrar questionamentos. Na psicanálise, dizemos que é a falta que produz o desejo. Nesse sentido, são os interrogantes que restam ao final desse percurso teórico e de apropriação do tema que irão permitir que a abordagem desses casos seja sustentada por uma permanente reflexão. Considerar o sujeito inserido em contextos que estão em constantes modificações demanda que a psicologia esteja também em constante atualização teórica. Dessa forma, podemos afirmar que as interrogações que ficam serão impulsoras de novas e contínuas investigações.

## REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM V.** Tradução Maria Inês Corrêa Nascimento. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 948 p.
- ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher?** Tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. 295 p.
- BACKES, Carmen. A reconstituição do espelho. In: COSTA, Ana et al. **Adolescência e experiências de borda.** Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004. p. 29-41.
- BENETI, Antônio. Tatuagem e laço social. **Opção Lacaniana.** Rio de Janeiro, ano 3, n. 7, mar. 2012. Disponível em: <[http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero\\_7/Tatuagem\\_e\\_laco\\_social.pdf](http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_7/Tatuagem_e_laco_social.pdf)>. Acesso em: 29 nov. 2016.
- BIZRI, Zaíra Rocha El; AZEVEDO, Marcia Maria dos Anjos. Self Cutting: uma visão psicanalítica sobre os transbordamentos pulsionais no corpo. In: VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL E XII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL, 2014, Belo Horizonte. **Anais Eletrônicos.** Disponível em: <<http://www.fundamentalpsychopathology.org/uploads/files/Anais%20Congresso%202014/Mesas%20Redondas/95.3.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2016.
- BRUM, Eliane. **Uma Duas.** São Paulo: Leya, 2011. 176 p.
- CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência.** São Paulo: Publifolha, 2000. 83 p. (Folha Explica).
- CORSO, Diana Myriam Lichtenstein. Édipo, latência e puberdade. In: COSTA, Ana et al. **Adolescência e experiências de borda.** Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004. p. 131-145.
- CORSO, Mário. Eu me inscrevo, me descrevo: escrevendo em mim. In: ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE. **Correio da APPOA.** Porto Alegre, n. 211, abr. 2012. p. 49-55.
- COSTA, Ana. **Tatuagem e Marcas Corporais: Atualizações do Sagrado.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. 143 p.
- \_\_\_\_\_. **Litorais da Psicanálise.** São Paulo: Escuta, 2015. 224 p.
- \_\_\_\_\_. A transicionalidade na adolescência. In: COSTA, Ana et al. **Adolescência e experiências de borda.** Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004. p. 165-193.
- \_\_\_\_\_. As práticas de furar o corpo e a mácula pubertária. In: ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre: O amor e a erótica,** Porto Alegre, n. 43-44, jul. 2012 - jun. 2013. p. 97-104.
- DOR, Joel. **Introdução à leitura de Lacan: Estrutura do Sujeito.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 258 p. v. 2.

FREUD, Sigmund. Cinco Lições de Psicanálise (1910 [1909]). In:\_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. v. 11, p. 15-66.

\_\_\_\_\_. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In:\_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. v. 19, p. 191-201.

\_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In:\_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. v. 7, p. 117-231.

\_\_\_\_\_. O problema econômico do masoquismo. In: \_\_\_\_\_ **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. ed. standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. v. 19, p. 179-190.

\_\_\_\_\_. Além do princípio de prazer. In: \_\_\_\_\_ **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996e. v. 18. p. 12-72.

GIONGO, Ana Laura. Menina-moça: um corpo que urge. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA APOA: Corpo: Ficção, Saber, Verdade, 2015, Porto Alegre.

JATOBÁ, Maria Manoella Verde. **O ato de escarificar o corpo na adolescência**: uma abordagem psicanalítica. 2010. 93 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

JERUSALINSKY, Alfredo. Perfurações. In: ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**. Porto Alegre, ano 11, n. 27, set. 2004. p. 9-17.

LACAN, Jacques. **Escritos** (1901-1981). Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. 937 p. (Campo Freudiano no Brasil).

\_\_\_\_\_. **O Seminário, livro 8**: A transferência (1960-1961). Tradução Dulce Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992. 389 p. (Campo Freudiano no Brasil).

\_\_\_\_\_. **O Seminário, livro 5**: As formações do inconsciente (1957-1958). Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. 532 p. (Campo Freudiano no Brasil).

\_\_\_\_\_. **O Seminário, livro 20**: Mais, ainda (1972-1973). Tradução Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. 201 p. (Campo Freudiano no Brasil).

\_\_\_\_\_. **O Seminário, livro 10**: A angústia (1962-1963). Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. 366 p. (Campo Freudiano no Brasil).

\_\_\_\_\_. **O Seminário, livro 23**: O sintoma (1975-1976). Tradução Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007. 249 p. (Campo Freudiano no Brasil).

MANSO, Rita; CALDAS, Heloísa. Escrita no corpo: Gozo e laço social. In: **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 16. p. 109-126, 2013.

MELMAN, Charles. Os adolescentes estão sempre confrontados ao Minotauro. In: ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE. **Adolescência**: entre o passado e o futuro. 2. ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999. p. 29-43.

POMMIER, Gérard. Sexualidade Feminina. In: ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE. **Correio da APPOA**. Porto Alegre, n. 211, abr. 2012. p. 13-31.

RAMIREZ, Heloísa Helena Aragão e; DUNKER, Christian Ingo Lenz. O Corte e o Corpo: Lesões de Órgão e Intervenções Corporais. In: VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL E XII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL, 2008, Niterói.

RASSIAL, Jean-Jacques. **A passagem adolescente**: da família ao laço social. Tradução Francine Roche. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997. 198 p. (Coleção Letra Psicanalítica).

\_\_\_\_\_. A adolescência como conceito da teoria psicanalítica. In: ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE. **Adolescência**: entre o passado e o futuro. 2. ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999a. p. 45-72.

\_\_\_\_\_. **O adolescente e o psicanalista**. Tradução Lêda Bernardino. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999b. 216 p.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 874 p.

SECRETÁRIA. Direção: Steven Shainberg. Estados Unidos, 2002. 1 DVD (104 min.).